



**UNIÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA
COORDENAÇÃO NACIONAL DA UJC**

CADERNO NACIONAL DE FORMAÇÃO DA UJC

Módulo 01: Organização

BRASIL, 2016

Índice

Apresentação.....	03
Carta a um camarada – V. I. Lenin.....	05
A União Juvenil deve ser um escola de socialismo – Georgi Dimitrov.....	21
A Organização: Expressão e Instrumento da Força do Partido - Alvaro Cunhal.....	33
Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas – K. Marx e F. Engel.....	46
Elementos Para o Funcionamento da Vida Orgânica da UJC.....	56
O Trabalho de Base.....	62

Apresentação

O presente livro constitui parte do Curso Nacional de Formação da UJC, compondo parcialmente o módulo destinado a discussões de temas organizativos, tal qual elencado entre as prioridades formativas e ideológicas no VII Congresso da UJC para o atual momento da organização.

As questões que tratam da vida interna de um operador político como a UJC perpassam, necessariamente, pela discussão acerca da organização, tema este que, ao longo de toda a história do movimento comunista gerou amplos debates, sempre estando diretamente relacionado a discussão política que envolve a tática e a estratégia para cada momento histórico.

É nesse sentido, que os textos que seguem devem ser encarados à luz das resoluções políticas da UJC. Partindo da compreensão de que vivemos em um país cujo capitalismo encontra-se plenamente desenvolvido e articulado internacionalmente, de que as contradições sociais sentidas pela ampla maioria da população devem ser entendidas a partir da contradição entre capital e trabalho e sua superação dentro da percepção da estratégia socialista, mas sem prescindir das necessárias mediações táticas. Tendo plena consciência das dimensões e dificuldades do processo revolucionário em nossa país, urge a necessidade de nos organizarmos.

Os textos a seguir têm como elemento de unidade o tema organizativo. Escritos por dirigentes políticos que associaram a prática militante à teoria, foram elaborados no calor do momento histórico em que viveram, procurando, a partir deles, oferecerem respostas concretas aos problemas enfrentados. Ainda assim, guardam todos eles elementos universais que ainda hoje, alguns deles passados mais de 150 anos de sua redação, seguem sendo pressupostos fundamentais para uma organização revolucionária.

Além dos clássicos, o livro conta com breves textos redigidos por membros Coordenação Nacional da UJC e por esta instância aprovados, que buscam expressar o acúmulo da discussão organizativa no seio de nossa organização e apresentar apontamentos gerais para a problematização e a discussão coletiva para que possamos superar as debilidades que ainda persistem em nossos meios.

Espera-se que com essa iniciativa, primeira desse novo ciclo formativo da UJC, consigamos alcançar maior sintonia e afinidade nacional em temas vitais, superar os métodos artesanais de trabalho e dar importante passo para a inserção da UJC na juventude brasileira e na organização dessa sob um projeto revolucionário 

Coordenação Nacional da UJC



CARTA A UM CAMARADA

Vladimir Lenin (1902)

Sobre Nossas Tarefas de Organização

Se não me falha a memória, escrevi CARTA A UM CAMARADA há mais de um ano atrás, em setembro de 1902. Primeiramente ela andou em cópias, de mão em mão, e se propagou pela Rússia como uma apresentação dos pontos de vista do *Iskra*¹ sobre a questão da organização. Depois disso a União Siberiana, em junho do ano passado, a reimprimiu e a divulgou numa considerável quantidade de exemplares. Dessa forma, a Carta transformou-se plenamente em propriedade pública e agora não há nenhum motivo que impeça a sua publicação. As raízes que me levaram a não publicá-la antes (precisamente a sua extrema falta de elaboração literária, o seu caráter de "rascunho") estão superadas, pois exatamente sob essa forma de rascunho dela tomaram conhecimento os militantes russos. Ademais, há uma razão mais importante para a reimpressão dessa carta na forma de rascunho (fiz somente as mais necessárias correções estilísticas): o seu significado como "documento". A nova redação do *Iskra* manifestou, como é sabido, já no número 53, discordâncias relativas às questões de organização. Infelizmente o motivo destas discordâncias não é expresso claramente pela redação, que se limita, de maneira geral, a insinuar aquilo que ninguém entende. Temos que tentar facilitar à nova redação a resolução dessa difícil tarefa. Deixemos que os velhos pontos de vista sobre organização do *Iskra* sejam conhecidos em todos os seus detalhes, inclusive sob a forma de rascunho; talvez, então a nova Redação se digne a expressar finalmente ao partido, "Intelectual e ideologicamente dirigido" por ela, novos pontos de vista sobre organização.

¹ Em português, A Centelha. Foi o principal órgão de comunicação do POSDR e o primeiro jornal marxista de abrangência nacional na Rússia. Através dele foram travados debates centrais no interior do POSDR, tal como essa carta escrita por Lenin, um de seus principais organizadores.

Pode ser que a nova Redação compartilhe finalmente conosco a formulação exata daquelas mudanças radicais que seriam projetadas por ela no estatuto de organização de nosso partido. Pois, quem não entende, na realidade, que exatamente esse estatuto absorveu os nossos perenes planos de organização?

Comparando *Que Fazer?*² e os artigos do *Iskra* sobre questões de organização com esta Carta a um Camarada, e esta última com o Estatuto aprovado no II Congresso, os leitores poderão ter uma ideia clara sobre a continuidade de nossa "linha" de organização, ou seja, da maioria dos *iskristas* e da maioria do congresso do partido. Com relação à nova Redação do *Iskra* esperamos, e com enorme ansiedade, a formulação de seus novos pontos de vista sobre organização, como também a indicação do que exatamente, e em que momento, ela se desiluiu e por que começou a "queimar aquilo que antes venerara."

Carta a um Camarada

Caro camarada! Atendo com satisfação o pedido de crítica ao seu projeto de "Organização do Partido Revolucionário de São Petersburgo". (Você pensava, provavelmente, na organização do trabalho do POSDR³ em São Petersburgo). A questão por você levantada é de tal importância que deveriam discuti-la também todos os membros do comitê de São Petersburgo e, inclusive, todos os socialdemocratas russos em geral.

Primeiramente assinalarei minha completa concordância com sua explicação sobre a inutilidade da organização anterior da "União" ("de círculos" como a denomina). Você chama a atenção para a ausência de uma séria preparação e de uma educação revolucionária entre os operários de vanguarda, para o assim chamado sistema eleitoral tão orgulhosa e veementemente defendido pelos membros do *Rabotchíe Diélo* em nome dos princípios "democráticos" e, a alienação dos operários de todo trabalho ativo.

Trata-se exatamente disso: 1) a ausência de uma preparação séria e de uma educação revolucionária (não somente entre os operários, como também entre os intelectuais); 2) a utilização inadequada e excessiva do princípio eleitoral; e 3) o afastamento dos operários da verdadeira atividade revolucionária. Nesse ponto, encontra-se o principal defeito, não

2 *Que Fazer – problemas candentes de nosso movimento*, obra central no pensamento de Lenin. Assim como esse documento, aborda centralmente tema organizativos, fornecendo até hoje as bases do modelo leninista de organização revolucionária.

3 Partido Operário Socialdemocrata Russo. Fundado em 1898 a partir da união de diversos agrupamentos revolucionários. Sofre uma cisão em 1903, em seu II Congresso, dividindo-se em Mencheviques e Bolcheviques, os últimos liderados por Lenin, convertendo-se anos depois na principal organização revolucionária do país e dirigente do processo revolucionário de 1917.

somente da organização em São Petersburgo, mas também de muitas outras organizações locais de nosso partido. Concordando plenamente com sua concepção fundamental sobre as tarefas organizativas, uno-me também ao seu projeto de organização, na medida em que sua carta explica os traços fundamentais desse projeto.

Estou de pleno acordo com você quando diz que devemos assinalar principalmente as tarefas a nível de toda a Rússia e de todo o partido em geral. Isso se expressa no primeiro ponto de seu projeto que diz: "O centro dirigente do partido (e não apenas de um comitê ou de uma região) é o jornal *Iskra*, que possui correspondentes permanentes entre os operários e está estreitamente ligado com o trabalho interno da organização". Eu só faria uma ressalva, a de que o jornal pode e deve ser o dirigente ideológico do partido, desenvolvendo as verdades teóricas, as situações táticas, as ideias organizacionais gerais, as tarefas gerais de todo o partido, neste ou naquele momento. Quanto ao dirigente prático direto do movimento, somente pode ser um grupo central especial (chamemo-lo até mesmo de Comitê Central), que se relacione pessoalmente com todos os comitês, que integre em seu seio as melhores forças revolucionárias de todos os socialdemocratas russos e comande todos os assuntos partidários: a distribuição da literatura, a edição de panfletos, a distribuição das forças, a nomeação de pessoas e grupos para a direção de empreendimentos especiais, a preparação de manifestações de caráter nacional e também da insurreição em toda a Rússia, etc. Frente a necessidade de manter o mais rigoroso caráter conspirativo e assegurar a continuidade do movimento, poderão e deverão existir em nosso partido dois centros dirigentes: o OC (Órgão Central) e o CC (Comitê Central). O primeiro deverá dirigir ideologicamente, o segundo, prática e diretamente. A unidade de ação e a necessária identificação entre esses dois grupos deverão ser asseguradas não somente pelo programa único do partido, mas também pela composição de ambos os grupos (é necessário que, tanto no OC quanto no CC, existam pessoas plenamente identificadas entre si); e pela organização de reuniões regulares e constantes entre eles. Somente então, por um lado, o OC colocar-se-á fora do campo de ação dos gendarmes russos, o que lhe proporcionará serenidade e continuidade e, por outro, o CC será sempre solidário com o OC em tudo que é fundamental e estará suficientemente livre para assumir o comando direto de todo o aspecto prático do movimento.

Por isso seria desejável que o primeiro ponto do estatuto (conforme o seu projeto), não somente indicasse o órgão do partido reconhecido como dirigente (claro que é necessária essa indicação), mas também que a organização local estabeleça como sua tarefa trabalhar

ativamente para a construção, apoio e fortalecimento daqueles organismos centrais, sem os quais o nosso partido não pode existir enquanto tal.

Em seguida, no segundo ponto, sua carta fala sobre o comitê que deve "dirigir a organização local" (seria melhor dizer, talvez, "todo o trabalho local e todas as organizações locais do partido", mas não vou me deter sobre detalhes da formulação) e que ele deve ser composto tanto de operários quanto de intelectuais, pois sua divisão em dois comitês é nociva. Isso é total e incondicionalmente justo. O comitê do POSDR deve ser único, e nele devem estar socialdemocratas plenamente conscientes, dedicados inteiramente à ação socialdemocrata. É necessário esforçar-se de modo especial para conseguir que cheguem a ser revolucionários plenamente conscientes, profissionais e entrem no comitê o maior número possível de operários. Nas condições de um comitê único e não duplo, a questão dos contatos pessoais dos membros do comitê com grande número de operários assume significado especial. Para dirigir tudo aquilo que acontece no meio operário, é necessário ter a possibilidade de estar em todas as partes, é necessário conhecer muita gente, ter todos os caminhos, etc. Por essa razão, deverão estar no comitê todos os principais chefes do movimento operário oriundos da própria classe operária, o comitê deverá dirigir todos os aspectos do movimento local, chefiar todos os organismos, todas as forças e todos os meios locais do partido. Sua carta não fala de como deverá compor-se o comitê; é possível que também aqui estejamos de acordo, pois para isso não são necessárias normas especiais, já que a composição dos comitês é um assunto dos socialdemocratas locais. Talvez bastaria indicar que os novos membros serão cooptados por decisão da maioria do comitê (ou de 2/3, ou algo semelhante), que este deverá preocupar-se com a transferência de todos seus contatos a um local seguro (no sentido revolucionário) e propício (no sentido político), e também deverá preparar antecipadamente seus suplentes. Quando tivermos nossos OC's e CC's, os novos comitês só deverão formar-se através de sua participação e consentimento. O número de membros do comitê deverá ser, na medida do possível, não muito grande (para que o nível dos membros seja alto e sua especialização na profissionalização revolucionária completa), mas ao mesmo tempo suficiente para garantir a direção de todos os aspectos do movimento e assegurar a riqueza das reuniões e a firmeza das decisões. Caso o número dos membros seja elevado e as reuniões frequentes se tornem perigosas, conviria destacar do seio do comitê um grupo dirigente especial, muito reduzido (digamos cinco pessoas, ou talvez menos), do qual deveria fazer parte necessariamente o secretário e as pessoas mais capacitadas para a direção prática do conjunto do trabalho. Para esse grupo seria

especialmente importante assegurar os suplentes, no caso de queda, para que o trabalho não se interrompa. As reuniões gerais do comitê ratificariam as decisões do grupo dirigente, determinariam sua composição etc.

Em seguida, depois do comitê, na sua carta são propostos os seguintes organismos subordinados a ele: 1) discussão (reunião dos "melhores" revolucionários); 2) círculos de distrito; 3) um círculo de propagandistas para cada um deles; 4) círculos de fábrica, e

5) "reuniões representativas" dos delegados dos círculos de fábrica de cada distrito. Estou plenamente de acordo quanto à ideia de que todos os outros organismos (e eles deverão ser muito e dos mais variados, além daqueles já citados por você) deverão estar subordinados ao comitê, e que são necessários os grupos distritais (para cidades muito grandes) e de fábrica (sempre e por todas as partes). Há, entretanto, alguns detalhes com os quais não concordo. Por exemplo, no que concerne à "discussão", penso que tal organismo não é absolutamente necessário. Os "melhores revolucionários" deverão estar todos no comitê ou em funções especiais (impressão, transporte, agitação itinerante, organização, por exemplo, do birô de passaportes ou as brigadas de luta contra os espiões).

As "reuniões" serão realizadas no comitê e em cada região, em cada fábrica, em cada círculo fabril, de propaganda, profissional (tecelões, mecânicos, curtidores e assim por diante), estudantes, círculos literários, etc. Para que então converter as "reuniões" em um organismo especial?

Prossigamos. É totalmente justa sua exigência de que se permita a "quantos o desejam" a possibilidade de enviar diretamente correspondência à *Iskra*. Entretanto, o "diretamente" não subentende facilitar o contato com a Redação e seus endereços a "quantos o desejam", mas será obrigatório transmitir (ou fazer chegar) à Redação as cartas de quantos o desejem. Aliás, os endereços não devem ser dados amplamente a quantos o quiserem, mas somente aos revolucionários seguros e destacados por sua excepcional habilidade conspirativa, e talvez, não somente a um por região, como quer em sua carta, mas em vários. É necessário também que todos aqueles que participam do trabalho, todos e cada um dos círculos, tenham o direito de fazer chegar suas decisões, seus desejos, suas dúvidas ao conhecimento tanto do comitê, como do OC e do CC. Se assegurarmos esta possibilidade, conseguiremos a plenitude dessas reuniões, e de todos os militantes do partido, sem necessidade de criar organismos tão volumosos e tão pouco seguros como as "discussões". Claro que é necessário se esforçar por organizar contatos individuais, com o maior número possível de militantes de todos os tipos, mas sem perder de vista que o mais

importante de tudo é o respeito às questões de segurança. Assembleias e reuniões gerais só são possíveis na Rússia muito raras e excepcionalmente e teremos que ser extremamente cuidadosos ao autorizar a admissão nessas reuniões dos "melhores revolucionários", já que nesse tipo de reunião, facilmente penetram provocadores e espiões que sigam um dos participantes. Creio que seria melhor proceder assim: quando for possível realizar grandes reuniões gerais (digamos de 30 a 100 pessoas; por exemplo, durante o verão, no bosque ou num aparelho especialmente selecionado), então o comitê enviaria, para lá, um ou dois dos "melhores revolucionários" e preocupar-se-ia com a boa composição da reunião, isto é, convidando o maior número possível de membros seguros dos círculos operários, etc. Mas não é necessário formalizar estas reuniões, incluí-las nos estatutos, regularizá-las; não é necessário fazer com que todos os membros da reunião conheçam todos os participantes, isto é, que saibam que todos são representantes" dos círculos, etc. Eis porque sou contra, não somente as discussões, mas também os "encontros de representantes". No lugar desses dois organismos proporia, a grosso modo, a seguinte norma: o comitê preocupar-se-á com a organização de grandes reuniões com a presença do maior número possível de militantes práticos do movimento e de todos os operários em geral. O dia e a hora, o local e o motivo da reunião, assim como sua composição, seriam determinados pelo comitê, que é o responsável pelo caráter secreto de tais atividades. Desnecessário dizer que isso não descarta, de modo algum, a possibilidade de que os próprios operários realizem reuniões menos formais ainda durante seus passeios nos bosques, etc. O melhor seria, talvez, não mencionar nada disso aos estatutos.

No que se refere aos grupos distritais, estou de pleno acordo quando diz que uma de suas tarefas essenciais é a correta difusão de literatura. Penso que os grupos distritais deveriam ser fundamentalmente intermediários entre os comitês e as fábricas e, antes de mais nada, órgãos transmissores. Sua primeira tarefa deverá ser organizar conspirativamente uma correta distribuição da literatura recebida do comitê. Tarefa do mais alto grau de importância porque, se é garantida a ligação regular do grupo especial de distribuidores do distrito com todas as fábricas e com o maior número possível de bairros operários do mesmo distrito, isto assumirá uma importância imensa tanto para as manifestações como para a insurreição. Estabelecer e organizar uma difusão rápida e correta da literatura, dos panfletos, das proclamas, etc., educar para isso toda uma rede de agentes significará realizar mais da metade da tarefa de preparação de futuras manifestações e da insurreição. Em momentos de sublevação, de greves, de agitação, é tarde para iniciar a distribuição de literatura, pois isso só pode ser aprendido pouco a pouco, sendo feito necessariamente

duas a três vezes por mês. Não existindo jornal pode-se e deve-se fazer isso com volantes, mas sem permitir, de modo algum, que o aparelho de distribuição permaneça inativo. É necessário o esforço de aperfeiçoar a um tal grau esse aparelho de modo que numa só noite toda a população operária de São Petersburgo possa ser informada e mobilizada. E isto não é de modo algum uma tarefa utópica, à medida que os panfletos sejam sistematicamente transmitidos do centro aos mais restritos círculos intermediários e destes aos distribuidores. Ampliar os limites da ação do grupo distrital para outras funções além daquelas especificamente intermediárias e de distribuição não seria, do meu ponto de vista, conveniente. Isto só seria possível procedendo-se com a maior cautela, pois poderia prejudicar o caráter conspirativo e a integridade do trabalho. Nos círculos de distrito também serão realizadas, naturalmente, reuniões para discutir todos os problemas do partido, mas as decisões de todas as questões gerais do movimento local só poderão ser tomadas pelo comitê. A independência do grupo distrital somente deverá ser permitida nas questões sobre a técnica de divisão e distribuição. A composição do grupo distrital deverá ser determinada pelo comitê, ou seja, o comitê designará um ou dois de seus membros (ou inclusive não membros) como delegados de tal ou qual distrito com tarefa de constituir um grupo distrital, onde todos os seus membros deverão da mesma forma ser confirmados pelo comitê em seus cargos. O grupo distrital é uma filial do comitê, e é a partir dele unicamente que possui seus poderes.

Passarei agora à questão dos círculos de propagandistas. Organizá-los separadamente em cada região é quase impossível devido à escassez dos nossos elementos propagandistas sendo, além disso, pouco desejável. A propaganda deverá ser feita de forma uníssona por todo o comitê, a quem corresponde centralizá-la rigorosamente. Por isso imagino que deverá ser assim: o comitê atribui a alguns de seus membros a organização de um grupo de propagandistas (que será uma filial do comitê ou um dos organismos deste. Este grupo, utilizando por razões conspirativas os serviços dos grupos distritais, deverá efetuar a propaganda em toda a cidade, em toda a localidade que está "sob a direção" do comitê.

Se necessário, esse grupo poderá criar subgrupos, transferir a outros suas funções, mas tudo isso sob condição de que tais medidas sejam ratificadas pelo comitê, o qual deverá ter sempre, incondicionalmente, o direito de enviar um delegado seu a cada grupo, sub grupo ou círculo que de um modo ou de outro participe do movimento. E com relação ao tipo de atribuições, as seções filiais ou de organismos do comitê, deverão organizar também todos os diversos grupos que servem ao movimento, grupo de estudantes e grupo de secundaristas, assim como grupos de funcionários auxiliares, os grupos de transporte, de

imprensa, os dedicados à organização de aparelhos, grupos de contraespionagem, grupos de militares, de fornecimento de armas e aqueles criados para organizar "empresas financeiras rentáveis", etc. Toda a arte de uma organização conspirativa consiste em saber utilizar tudo e todos, em "dar trabalho a todos e a cada um", conservando o mesmo tempo a direção de todo o movimento, e isto entenda-se, não pela força do poder, mas pela força da autoridade, por energia, maior experiência, amplitude de cultura, habilidade. Esta observação está relacionada com uma contestação possível e comum: a de que uma centralização rigorosa possa destruir um trabalho com excessiva facilidade, se casualmente no centro se encontrar uma pessoa incapaz, possuidora de imenso poder. É claro que isso é possível, mas o remédio contra isso não pode ser o princípio eleitoral e a descentralização, absolutamente inadmissíveis e inclusive nocivas ao trabalho revolucionário sob a autocracia. O remédio contra isso não se encontra em nenhum estatuto. Somente podem nos fornecer parâmetros "críticas fraternas" começando com resoluções de todos os grupos e subgrupos, seguidas de conclamações ao OC e CC e terminando, "na pior das hipóteses", com a destituição da direção completamente incapaz. O comitê deve esforçar-se para realizar a mais completa divisão de trabalho possível, lembrando-se que para os vários aspectos do trabalho revolucionário são necessárias diferentes capacidades. Algumas vezes, pessoas completamente incapazes como organizadoras podem ser excelentes agitadoras, ou outras incapazes para uma severíssima disciplina conspirativa, ser excelentes propagandistas, etc. Quanto aos propagandistas, ainda gostaria de dizer algumas palavras contra a tendência usual de abarrotar essa profissão com pessoas pouco capazes rebaixando com isso, o nível da propaganda. Às vezes, entre nós, qualquer estudante indiscriminadamente é considerado propagandista, e todos os jovens exigem que se lhes "dê um círculo", etc. Temos que lutar contra essa prática, pois são muitos os males que daí advêm. As pessoas realmente firmes quanto aos princípios, e capazes de ser propagandistas são muito poucas (e para chegar a sê-lo é preciso estudar muito e acumular experiência), e a estas pessoas é necessário especializá-las, ocupar-se delas e cuidá-las com zelo. É preciso organizar várias aulas por semana para esse tipo de pessoas, saber enviá-las oportunamente a outra cidade e, no geral, organizar visitas das mais hábeis propagandistas pelas diversas cidades. Quanto à massa de jovens principiantes é mais conveniente empregá-los nas tarefas práticas, que estão no momento em segundo plano se comparadas com a circulação dos estudantes pelos círculos, chamados, de maneira bem otimista, "de propaganda". É claro que, para as atividades práticas sérias, também é

necessária uma sólida preparação, contudo aqui, é mais fácil encontrar trabalho para "os principiantes".

Passemos agora aos círculos de fábrica. Estes são particularmente importantes para nós; já que a força fundamental do movimento reside no grau de organização dos operários das grandes fábricas, nas quais se concentra a parte mais importante da classe operária, não só quanto ao número como também por sua influência, grau de desenvolvimento e capacidade de luta. Cada fábrica deverá ser para nós uma fortaleza. E, para isso, a organização operária "de fábrica" deverá ser tão conspirativa em seu interior, quanto "ramificada" no seu exterior, isto é, nas suas relações externas deverá levar seus tentáculos tão longe e nas mais diferentes direções, quanto qualquer outra organização revolucionária. Saliente que o núcleo dirigente deverá ser também aqui, obrigatoriamente, o grupo de operários revolucionários. Deveremos romper radicalmente com a tradição tipicamente operária ou de tipo profissional das organizações social democratas, inclusive com aquela dos "círculos de fábrica". O grupo ou comitê de fábrica (com o fim de separá-lo de outros grupos, os quais devem ser inúmeros) deverá ser composto de um reduzido número de revolucionários, encarregados diretamente pelo comitê, e com plenos poderes para dirigir todo o trabalho socialdemocrata na fábrica. Todos os membros do comitê de fábrica deverão ser considerados como agentes do comitê, obrigados a submeterem-se a todas às suas decisões e observarem todas as "leis e costumes" deste "exército em campanha" ao qual filiaram-se e do qual não têm direito de sair em tempo de guerra, sem a permissão do comando. Por isso, a composição do comitê de fábrica tem um grande significado, tanto que uma das principais preocupações do comitê de fábrica deverá ser a de criar corretamente os subcomitês. Penso que isso deverá ser assim: o comitê designará alguns de seus membros (mais algumas pessoas entre os operários que não façam parte do comitê por quaisquer razões, mas capazes de ser úteis por sua experiência, seu conhecimento sobre as pessoas, sua inteligência ou suas relações) para organizar em todas as partes os subcomitês de fábrica. A comissão reunir-se-á com os delegados distritais, realizará uma série de encontros, testará muito bem os candidatos e membros dos subcomitês de fábrica, ou submeterá a interrogatórios rigorosos e, se necessário, pôr à prova esforçando-se nisso em examinar e testar diretamente o maior número possível de candidatos ao subcomitê de fábrica de determinada empresa. Finalmente proporá ao comitê aprovar tal ou qual composição de cada círculo de fábrica ou delegar poderes a um determinado operário para compor, selecionar e organizar todo um subcomitê. Dessa forma, o próprio comitê determinará quais desses agentes deverão ter contatos consigo e

como realizará esses contatos (de acordo com a norma geral isso é feito com a intermediação dos dirigentes distritais, mas essa norma poderá ser completada ou transformada). Devido à importância desses subcomitês de fábrica, deveremos nos esforçar na medida do possível, para que cada subcomitê tenha um endereço para se comunicar ao OC como a lista de seus contatos em lugar seguro (isto é, para que as informações necessárias para a rápida recomposição dos subcomitês, em caso de prisão, cheguem de modo regular e abundante ao centro do partido, com o objetivo de colocá-los a salvo num lugar onde não possam chegar os gendarmes russos). Claro está que essa transmissão de endereços deverá ser decidida pelo comitê de acordo com suas próprias razões e com os dados e notícias que possua, e não conforme o direito inexistente de distribuição "democrática" desses endereços.

Finalmente, não será demais prever que, às vezes, em lugar de um subcomitê de fábrica formado por vários membros poderá ser necessário ou mais cômodo limitar-se à designação de um único agente do comitê (e de um suplente). Quando o subcomitê de fábrica se encontrar formado, este deverá iniciar a criação de toda uma série de grupos e círculos de fábrica, com tarefas distintas, com diferentes graus de conspiratividade e de estruturação, como por exemplo, círculos para a distribuição e difusão das publicações (uma das mais importantes funções, que deverá estar de tal forma organizada, para dispormos de um verdadeiro correio próprio permanente, para que sejam experimentados e testados não só os métodos de difusão, mas também a distribuição por bairros, de tal modo que conheçamos obrigatoriamente todos os bairros e suas vias de acesso), círculos para a leitura da literatura ilegal, para a observação dos espiões, círculos especiais de direção do movimento profissional e da luta econômica, círculos de agitadores e propagandistas que saibam iniciar conversas e mantê-las longamente e de forma plenamente legal (sobre máquinas, inspeção, etc.), para que se possa falar publicamente e com segurança, conhecer as pessoas e testar o terreno, etc. O subcomitê de fábrica deverá esforçar-se para alcançar toda a fábrica, e o maior número possível dos operários através de uma rede dos mais variados círculos e agentes. O êxito conseguido na atuação do subcomitê será avaliado pela abundância desses círculos, pela possibilidade de que neles penetrem propagandistas volantes e sobretudo, pela correção do trabalho regular que se realiza para a distribuição de literatura e volume de notícias e correspondência recebida. Segundo meu ponto de vista, o tipo geral de organização deverá ser o seguinte: à cabeça de todo o movimento local, de todo o trabalho socialdemocrata encontrar-se-á o comitê. Dele partirá seus organismos subordinados e as secções filiadas, sob a forma de: em primeiro

lugar, uma rede de agentes executivos que abarcará (no possível) toda a massa operária e organizada sob a forma de grupos distritais e subcomitês de fábrica. Nos tempos de paz, essa rede de agentes irá difundir a literatura, panfletos, proclamações e informações conspirativas do comitê; em tempos de guerra, organizará manifestações e outras ações coletivas. Em segundo lugar, sairá do próprio comitê uma série de círculos e grupos que sirvam para assegurar os diversos aspectos do movimento (propaganda, transportes, as mais variadas atividades clandestinas, etc.). Todos os grupos, círculos, subcomitês, etc., deverão ser organismos ou sessões filiais do comitê. Alguns deles manifestarão claramente seu desejo de filiar-se ao Partido Operário Socialdemocrata Russo e desde que aprovados pelo comitê, passarão a integrar o partido, recebendo (por determinação do comitê ou por acordo com ele) determinadas funções, obrigando-se a submeterem-se às decisões dos organismos do partido, passarão a ter os mesmos direitos de todos os membros do partido, e serão considerados os mais próximos suplentes de membros do comitê, etc... Outros, cuja situação é de círculos organizados por membros do partido ou ligados a este ou àquele grupo do partido, não se filiarão ao partido socialdemocrata russo.

Em todos os assuntos internos, os membros de todos esses círculos possuem, é claro, igualdade de direitos, da mesma forma que os membros do comitê entre si. A única exceção aqui é o direito de ter relações pessoais com o comitê local (assim como também com o OC e o CC) ficará reservado àquela pessoa (ou a pessoas) designadas pelo comitê. Para todos os demais assuntos, estas pessoas terão a mesma igualdade de direitos que as demais, as quais têm o mesmo direito de dirigir-se (ainda que não pessoalmente) através de declarações ao comitê local, assim como ao CC e OC. Dessa forma, a exceção indicada não representa uma infração contra a igualdade de direitos, mas sim uma concessão às exigências incondicionais da clandestinidade. O membro do comitê, que não envie suas declarações ao comitê, ao CC ou ao OC, através de "seu" grupo, será responsável pela infração direta de seus deveres de partido. Além disso, no que se refere à conspiratividade e estruturação dos mais variados tipos de círculos irá depender da natureza de suas funções. Como relação a isso, teremos aqui as mais variadas organizações (desde as mais "restritas", estreitas e fechadas, até as mais "livres", amplas e abertas, flexíveis). Por exemplo, para os grupos de distribuição é requisito o segredo e a disciplina militar mais rigorosa. Para os grupos de propagandistas, também será necessária clandestinidade, mas com uma disciplina militar muito menor. Para os grupos de operários que se dedicam à leitura de publicações legais ou que organizam reuniões restritas sobre as necessidades e as reivindicações profissionais, a clandestinidade é ainda menos necessária, etc.. Os grupos

de distribuidores deverão pertencer ao POSDR e conhecer determinado número de seus membros e de seus dirigentes. O grupo que estuda as condições de trabalho e que elabora as reivindicações profissionais não necessita obrigatoriamente pertencer ao POSDR. O grupo de estudantes, oficiais e funcionários, que se ocupam de sua própria formação contando com a participação de um ou dois membros do partido, algumas vezes nem sequer deverão saber sobre a filiação partidária destes, etc.. Há, entretanto, um ponto no qual devemos exigir incondicionalmente a máxima organização de todos esses grupos alinhados ao comitê: cada membro do partido que faz parte dele é formalmente responsável do que se faz nos seus grupos e tem que tomar todas as medidas para que o CC e o OC tenham o maior conhecimento possível da composição de cada um deles, de todo o mecanismo e conteúdo deste trabalho. Isso é necessário para que o centro tenha o quadro completo de todo o movimento, possibilitando com isso o recrutamento entre o maior número possível de pessoas, de algumas para as diversas funções do partido; para que a experiência de cada grupo possa ser transmitida (através do centro) e outros grupos semelhantes de toda a Rússia e, finalmente, para que possamos nos prevenir quanto ao aparecimento de provocadores e pessoas duvidosas. Em uma palavra, trata-se de um requisito incondicional e verdadeiramente necessário em todos os casos.

Como realizar esta organização? Através de informes regulares ao comitê, comunicando no OC a maior parte do conteúdo do maior número possível desses informes, com a organização de visitas a todos os círculos pelos membros do CC e do comitê local e, finalmente, pondo obrigatoriamente em lugar seguro (e no birô do partido junto ao CC e OC) os contatos com estes círculos, isto é, os nomes e endereços de vários membros desses círculos. Somente quando estiverem comunicados os informes e transmitidos os contatos, poderemos considerar que um membro do partido que faz parte da atividade de tal ou qual círculo, cumpriu suas obrigações. Somente então todo o partido estará em sua totalidade em condições de aprender com cada um dos círculos que desenvolve um trabalho prático. Somente assim não serão desastrosas as detenções, já que, de posse das conexões com os diferentes círculos o delegado de nosso CC poderá encontrar fácil e imediatamente os substitutos e restabelecer a organização. A queda de um comitê não irá então destruir toda a máquina, mas simplesmente nos privará de alguns dirigentes, cujos substitutos estarão preparados. E que não se diga que a comunicação das informações e dos contatos seja impossível sob as condições de clandestinidade: basta querer, pois a possibilidade de transmitir ou enviar as informações e os contatos, existe e existirá sempre que tenhamos comitês, CC ou OC.

Chegamos agora a um princípio extremamente importante de toda organização e toda a atividade partidária: se no tocante à direção ideológica e prática do movimento e da luta revolucionária do proletariado é necessária a maior centralização possível, com relação à informação do centro do partido (e conseqüentemente de todo o partido em geral) no que se diz respeito ao movimento e à responsabilidade ante o partido, se impõe a maior descentralização possível. O movimento deve ser dirigido por um pequeno número de grupos, os mais homogêneos possíveis e de revolucionários profissionais respaldados pela experiência. Mas no movimento deverá participar o maior número de grupos, os mais diversos e heterogêneos possíveis, recrutados nas mais diferentes camadas do proletariado (e de outras classes do povo). E com relação a cada um desses grupos, o centro do partido deverá ter sempre em vista, não somente dados exatos sobre sua atividade, mas também os mais completos possíveis a respeito de sua composição. Devemos centralizar a direção do movimento. Mas devemos também (e precisamente para isso, pois sem a informação é impossível a "centralização") descentralizar o quanto possível a responsabilidade ante o partido de cada um de seus membros individualmente, de cada participante no trabalho, de cada um dos círculos do partido ou próximo dele. Essa descentralização é a condição indispensável para a centralização revolucionária e seu necessário corretivo. Precisamente quando esta centralização for levada até o fim e dispusermos de um OC e de um CC, a possibilidade de dirigir-se a eles por parte de todas e de cada um dos grupos, até os menores - e não só a possibilidade, como também o hábito adquirido por uma prática de muitos anos de se comunicar regularmente ao CC e ao OC - eliminará a eventualidade de que obtenha resultados lamentáveis provados pela presença no seio de tal ou qual comitê local de elementos não satisfatórios. Agora que nos encontramos às vésperas da unificação real do partido e da criação de um verdadeiro centro dirigente, devemos lembrar-nos com particular firmeza que esse centro será impotente se ao mesmo tempo não implantarmos a máxima descentralização quanto à responsabilidade e quanto a sua informação sobre todas as engrenagens da máquina partidária. Tal descentralização não é senão o outro aspecto dessa divisão do trabalho que, por consenso geral, representa uma das mais prementes exigências práticas de nosso movimento. Nenhuma atribuição oficial de papel dirigente a uma organização, nenhuma organização de Comitês Centrais formais fará com que nosso movimento adquira uma unidade real e efetiva, criará um partido sólido e combativo, se o centro do partido ficar de antemão isolado do trabalho prático direto dos comitês locais do velho tipo, isto é, de comitês formados, de um lado, por um punhado de pessoas, cada uma das quais dirigindo todos e cada um dos assuntos, sem

designar-se funções específicas no trabalho revolucionário, sem responsabilizar-se por atividades especiais, sem se preocupar em estudar cuidadosamente, sem preparar minuciosamente e levar a cabo as tarefas já iniciadas, perdendo uma quantidade enorme de tempo e forças de agitação aparentemente importantes. E, por outro lado, respaldados por uma multiplicidade de círculos de estudantes e operários, a metade dos quais totalmente desconhecidos do comitê e a outra metade igualmente ineficiente, sem nenhum tipo de especialização, sem nenhuma experiência profissional, não se aproveitando da experiência de outros e, ocupados exatamente do mesmo modo que o comitê, com intermináveis reuniões "a propósito de tudo", eleições e elaboração de estatutos. Para que o centro possa trabalhar bem é necessário que os comitês locais se transformem, se tornem organizações especializadas e mais "práticas, que adquiram verdadeira perfeição nesta ou naquela função prática. Para que o centro possa não somente aconselhar, convencer e discutir (como se faz até agora), mas efetivamente dirigir a orquestra, é necessário que se conheça exatamente quem conduz os violinos onde e como, quem aprendeu e aprende cada um dos instrumentos, onde e como o faz, quem (quando a música começa a desafinar) é responsável pela desafinação e quem é necessário mudar para a correção das dissonâncias. Atualmente, sejamos francos, nós ou não sabemos nada sobre o trabalho interno efetivo do comitê, exceto suas proclamações e suas correspondências gerais, ou somente sabemos algo através de informações pessoais de amigos e conhecidos. Pois bem, seria ridículo que um imenso partido capaz de dirigir o movimento operário russo e preparar a ofensiva geral contra a autocracia, possa se limitar a isso. A reorganização do comitê de São Petersburgo e todos os demais comitês do partido deverá consistir no seguinte, e esta é também a razão pela qual tem tão pouca importância o problema dos estatutos: em reduzir o número de membros do comitê; atribuir, na medida do possível, a cada um deles, determinada função da qual ele dá conta e seja responsável; criar um centro especial reduzidíssimo e dirigente de tudo; organizar uma rede de agentes executivos que vinculem o comitê com cada grande fábrica, que se ocupem regularmente da distribuição de literatura e deem ao centro um quadro exato e preciso dessa difusão e de todo o mecanismo de trabalho; e por último, criar numerosos grupos e círculos que assumam diversas funções ou agrupem as pessoas próximas à socialdemocracia, ajudando-as e preparando-as para chegar e converter-se em socialdemocratas, de tal modo que o comitê e o centro estejam sempre a par das atividades (e da composição) desses círculos.

Comecei pelo exame do projeto de estatutos para demonstrar mais claramente para onde se orientam minhas propostas. Como resultado disso, acredito que o leitor se dará conta de

que, no fundo, talvez seja possível passarmos sem estatuto, substituindo-o pela regular prestação de contas sobre cada círculo, sobre cada função do trabalho. O que se poderia escrever nos estatutos? O comitê dirige a todos (isto já está claro). O comitê elege do seu centro um grupo dirigente (isso nem sempre é necessário e quando o seja, a questão não é de estatutos, mas é de comunicação ao centro sobre a composição desses grupos e os nomes dos suplentes). O comitê distribui entre seus membros os diferentes aspectos do trabalho, determinando a cada um deles o envio regular dos relatórios ao comitê e comunicar ao CC e OC sobre o seu andamento (e aqui é mais importante comunicar ao centro sobre determinada distribuição, do que escrever nos estatutos uma norma, a qual, pela debilidade de nossas forças, ficará frequentemente sem aplicação). O comitê deve determinar com precisão seus membros e recrutá-los por cooptação. Elege os grupos distritais, os subcomitês de fábrica, tais e quais grupos (se fosse preciso enumerar todos os grupos necessários, não terminaríamos nunca, e nos estatutos não há por que enumerá-los ainda que de modo aproximativo, é suficiente comunicar ao centro sobre sua criação). Os grupos distritais e os subcomitês criam tais e quais círculos... A elaboração de tais estatutos é ainda menos útil neste momento, pois ainda quase não temos (e em muitos lugares não temos nada) a experiência partidária geral e comum sobre a atividade destes diferentes grupos e subgrupos, e que para adquiri-la não são dos estatutos que precisamos, mas da organização da informação partidária, se é que podemos expressar-nos assim. Com os estatutos, cada uma de nossas organizações locais gasta no mínimo algumas noites. Se esse tempo fosse dedicado por cada um dos grupos, de acordo com sua função especial, a um pensado e detalhado relatório sobre ela para todo o partido, a causa teria muito a ganhar.

Os estatutos não são inúteis somente porque o trabalho revolucionário nem sempre se amolda a formas precisas. Não, as formas são necessárias e devemos esforçar-nos para estruturar todo o trabalho na medida do possível. E a estruturação é exequível em proporções muito maiores do que geralmente se pensa. Não é com estatuto que a atingiremos, mas única e exclusivamente (repetamo-lo mais uma vez) informando de maneira exata ao centro do partido: somente então essa será a estruturação verdadeira relacionada com a responsabilidade real e a uma publicidade (de partido). Quem ignora que entre nós, as divergências de pontos de vista e os conflitos graves se resolvem no essencial não por um voto "estatutário", mas pela luta e a ameaça de "sair"? A história da maioria dos nossos comitês ao longo dos últimos três ou quatro anos de vida partidária está repleta desta luta interna. É lamentável que esta luta não tenha sido

estruturada; ela teria trazido muito para o aprendizado do partido, para a experiência de nossos sucessores. Uma tal estruturação útil e necessária não seria jamais criada por estatutos, mas exclusivamente pela publicidade partidária. Para nós, sob a autocracia, não pode haver outros meios e armas para a publicidade do partido senão a informação regular ao centro partidário.

E somente então, quando aprendermos a fazer esta publicidade, aproveitaremos realmente a experiência do funcionamento de tal ou qual organização. Somente com base em tal experiência ampla e de muitos anos é que poderemos elaborar os estatutos que não existirão somente no papel 



A União Juvenil Operária deve ser uma escola de socialismo⁴

Georgi Dimitrov⁵

I. Problemas de Organização

O fato de o Secretário de Organização Regional ser, ao mesmo tempo, o Secretário da Organização Urbana se reveste de uma grande importância. De outra maneira, os comitês funcionariam sem a sincronização necessária e se encontrariam somente em certas assembleias. Os Comitês Regional e Urbano se assemelhariam a dois feudos diferentes. No partido isto foi superado, porém é válido também para a UJO. Desta maneira o trabalho se organiza melhor, se economiza tempo, se evitam certos mal-entendidos, se trabalha com mais eficiência. E a época em que vivemos exige que se trabalhe com muita eficiência.

4 Tradução de Carlos Serrano Ferreira. Fragmento de uma conversa entre Georgi Dimitrov e membros dos Comitês Regional e Urbano de Sófia da União Juvenil Operária, realizada em primeiro de março de 1946.

5 Georgi Mikháilov Dimitrov (1882-1949) foi um importante militante comunista búlgaro, militando desde sua juventude. Cresceu numa família operária e com apenas 18 anos foi eleito diretor do sindicato dos tipógrafos. Em 1904 foi um dos fundadores da União Geral dos Sindicatos Operários Búlgaros, entidade da qual foi um dos principais dirigentes. Já em 1909 foi eleito para o Comitê Central da nova organização surgida em 1903 da ruptura da ala revolucionária do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro. Em 1913 elegeram-se deputado. Com o início da Primeira Guerra Mundial combateu a guerra imperialista e, por sua posição, foi preso por volta de 11 meses. Com a fundação em 1919 do Partido Comunista Búlgaro foi enviado à URSS e teve contato direto com Lênin. Foi um dos líderes da Insurreição de 1923 em seu país, derrotada por um golpe fascista, após o qual foi condenado à pena de morte em dois processos à revelia. Realizou várias tarefas para a Internacional Comunista em vários países, entre eles a Alemanha, onde foi preso em 1933 com a ascensão nazista ao poder. Foi julgado numa processo que era uma total farsa legal, acusado de terrorismo, de ter incendiado o Reichstag (o Parlamento alemão), ato perpetrado de fato pelos nazistas para acusarem os comunistas. Dispensou o advogado e fez sua própria defesa, que também era uma defesa do comunismo. Apesar dos depoimentos de altas autoridades nazistas – Hermann Göring, ministro do interior e presidente do Reichstag, e Joseph Goebbels, ministro da propaganda – foi inocentado. Foi o secretário-geral da Internacional Comunista entre seu sétimo e último Congresso, em 1935, até sua dissolução em 1943. Nesse Congresso se aprovou a tática das Frentes Populares Antifascistas, da qual foi o principal arquiteto. Teve papel destacado na resistência antifascista em seu país natal, sendo eleito em 1945 primeiro-ministro da nova República Popular da Bulgária. Faleceu em seu tratamento na URSS em julho de 1949. (N.T.)

Entre o Comitê Central e os Comitês Regional e Urbano deve existir um estreito contato permanente. Porém, no caso de vocês, como regra, o Comitê Central trabalha para si, da mesma forma o regional, para si trabalham o comitê urbano e os comitês de rádio. Nas suas atividades devem se guiar pelo princípio de que uma grande centralização na direção centralizada promove as mesmas ideias, a mesma linha, neste sentido ela deve ser como um punho; enquanto o trabalho prático, os trabalhos de organização, de agitação e propaganda devem ser descentralizados para que possam abarcar as amplas massas juvenis. Enquanto se conheça a linha geral, enquanto se saibam as diretivas da direção, então cada um, desde seu posto na organização respectiva, deve desenvolver a maior iniciativa criadora, energia e habilidade para sua realização com êxito.

Tanto no partido como na UJO nos faltam muitos quadros. Vivemos 20 anos de vida clandestina, passamos por períodos de perseguição e encarceramentos, não tivemos tempo nem condições apropriadas para criar quadros suficientes. Além disso, alguns dos mais valentes e capazes pereceram como guerrilheiros, presos ou confinados nos campos de concentração. Agora que temos liberdade de ação, quando ninguém pode nos perseguir, devemos aproveitar esta liberdade e trabalhar na criação dos novos quadros que necessitamos. Devemos aproveitar os velhos quadros que sobreviveram e os novos, os que se filiaram ao partido e à UJO depois do 9 de setembro⁶. Há que lhes dar a possibilidade de se desenvolverem, de assimilarem sua atividade no seio da Organização e no aparato do Estado, para que sejam quadros de grande valia. Para este fim é necessário não perder tempo em discussões e bate-papos, mas se deve prestar uma séria atenção e o maior cuidado com a formação de novos quadros. Devem-se elevar audazmente a uma atividade de direção os jovens e moças leais e promissores. Procurando criar, sobretudo, quadros de jovens especialistas. Que sejam bons engenheiros, médicos, agrônomos, juristas, etc. Uma intelectualidade qualificada deve sair dessa União.

Outro defeito é que se perde muito tempo por falta de organização. As reuniões se convocam para às oito e começam às dez. Isto não é sério! Não se valoriza o fator tempo. Desperdiçam-se escandalosamente forças e energias. Se vocês convocarem a reunião para às oito, devem começá-la às oito! Na imprensa e nas suas reuniões se devem colocar este problema, estigmatizar implacavelmente esta chaga. Além disso, se fazem reuniões muito longas porque, em geral, os problemas na ordem do dia não são preparados. Começam-se

⁶ Em 9 de setembro de 1944 ocorreu na Bulgária a revolução que pôs fim ao regime fascista. Num plebiscito em 1946 o povo búlgaro aprovou por esmagadora maioria o fim da monarquia e fundou a República Popular da Bulgária, iniciando seu processo de transição ao socialismo. (N.T.)

discussões incoerentes em torno a uma ou outra questão, e as ideias são tantas, tão numerosas, que a reunião se parece a uma colmeia: basta roçá-la com as mãos para que as abelhas comecem a zumbir e cada uma está com condições de dar ideias. Desviam-se da questão colocada e o tempo transcorre em conversinhas sem resultados. Para nós o tempo é ouro. Deve se valorizar mais altamente que muitas outras coisas valiosas. Não nos são suficientes as 24 horas do dia. Mesmo que a natureza pudesse prolongá-lo de 24 para 48 horas, tampouco nos seria suficiente. Durante essas 24 horas se deve trabalhar, dormir e descansar. O único meio é organizar inteligente e racionalmente nosso tempo como dirigentes e como simples ativistas. Vocês não podem trabalhar sem trégua e não dispor de tempo para descansar, para ir ao teatro, ao cinema. Que classe de dirigente vocês seriam se não tiverem a cultura necessária? Ao estudo do marxismo se deve agregar a cultura. Vocês devem ser sãos, fortes e resistentes. Trata-se do trabalho e da atividade criadora.

Em nosso trabalho é necessário a cada passo um emprego organizado do tempo dos órgãos dirigentes: os problemas se devem estudar previamente, se devem colocar concretamente e solucionar também concretamente. Se uma questão determinada não figura na ordem do dia, se não é um problema de excepcional importância que se tenha que se resolver rapidamente, se examinará na reunião seguinte. Além disso, não é necessário que todos expressem sua opinião. Se o essencial tiver sido formulado por outro, porque é necessário que você também fale? Que se evitem as repetições. Que não exista esta ambição: demonstrar que sabe muito. Os sabichões não são ativistas sérios, eles não podem se desenvolver. O que imagina que sabe muito não se move do lugar, enquanto que a vida segue adiante e isto significa que está a ficar para trás.

Quando vocês tomarem uma decisão, devem fixar sempre um prazo, quem a cumprirá e quem controlará sua realização. Se atuarem assim, 90% de suas resoluções serão positivas. Decide-se convocar uma reunião, porém quem a convocará, quando se convocará e como se organizará, isto se costuma confiar, em geral, ao Secretário, que resolve estes problemas como lhe parece. A maior parte das decisões fica anotada como desejos que nunca se realizarão. Sobre estas decisões se discutem horas inteiras e, depois, não se cumprem. Boas decisões que são mandadas para o arquivo. Porém, este arquivo pode desempenhar certo papel unicamente para a história. É necessário controlar a realização das decisões tomadas. O controle é necessário de cima abaixo, até a última instância. Isto não é tão fácil, exige muito trabalho e tenacidade, até que se todo mundo se acostume. Um ou dos dias antes do vencimento do prazo se deve averiguar, por telefone ou algum outro modo, o que se fez. É assim que devem trabalhar para poder colher êxitos. Vocês são jovens, são

e capazes de estabelecer tal ordem. E, então, vocês se convencerão de que conseguem resultados muitos melhores.

A parte mais importante de suas receitas devem ser as cotas mensais dos militantes. É necessário controlar as cotizações mensais, organizá-las a tempo, não se atrasar no pagamento das cotas mensais determinadas. Se existe certo descuido, se devem tomar medidas enérgicas, fazer advertências, recorrendo à expulsão como sanção extrema. Ocorre geralmente que ao cabo de dois ou três meses nos damos conta que certo militante não pagou sua cota mensal e então lhe expulsamos. Isto significa que a Organização não leva a cabo o trabalho educativo necessário neste sentido. Há que perguntar aos dirigentes como procederam com os membros que não pagam suas cotas mensais. Se o dirigente se apressa a expulsar alguém por não ter pagado sua cota mensal, isto significa que ele escolhe o caminho da menor resistência. Este dirigente não é um bom dirigente. Em cada Organização vocês devem sem falta ter um tesoureiro enérgico: ele recordará a tempo aos filiados, se ocupará de cobrar a tempo as cotas mensais, pois de outro modo o trabalho se fará mal, se passarão um ou dois meses, a dívida cresce e então se torna difícil ao militante pagar as cotizações atrasadas.

O pagamento regular da cota mensal é o primeiro indício do apego do militante à sua organização. Vocês não devem se ocupar de transações comerciais como fonte de receita. Evitem tais fontes, estas prejudicariam a sua organização. Organizar festas e saraus é um meio honrado, porém elas devem ser bem e apropriadamente organizadas. Os recursos provenientes das festas devem figurar em segundo lugar, depois das cotas mensais dos militantes. Organizaram loterias juvenis? Por que não pedem recursos aos amigos mais ricos da juventude? Há gente que poderia e daria dinheiro e ajuda à juventude.

Criar um fundo da UJO! Este problema deve ser estudado pelo CC [Comitê Central] da UJO. Sua organização deve, desde o ponto de vista financeiro, ter sua própria base e somente em casos excepcionais recorrer à ajuda material do partido.

II. Sobre o caráter de massas da União

A UJO deve ser numericamente superior ao partido. Para que um jovem seja militante da UJO a condição indispensável é que seja honrado e leal. Pode não ter nenhuma preparação suficiente, porém não é a UJO uma escola para a educação da juventude?

Não os preparem fora da UJO, mas os tomem com seus defeitos. O mais importante é que seja honrado e leal, e a UJO trabalhará para sua formação. Neste sentido as portas da UJO deverão estar abertas completamente. A juventude se educa no processo de trabalho, no processo de cumprimento das tarefas postas agora diante de nosso povo, diante da Frente da Pátria⁷, ante o Partido e ante a UJO. Porém, ao mesmo tempo, o que facilmente se entende, não se devem admitir elementos provocadores e nocivos. Os agentes estrangeiros dissimulados não devem ser admitidos na UJO. Para gente assim há que manter a máxima vigilância.

O meio principal, que devem empregar no recrutamento de novos membros, é o de estender suas atividades nos sindicatos. Ali obterão pelo menos uns 50% mais de jovens operários do que os que tenham agora. Deve se averiguar em cada sindicato o número de jovens organizados, quantos deles são membros da UJO, quais deles são ativistas. Em cada sindicato devem averiguar porque há jovens não organizados na UJO e quem são. Seus militantes devem trabalhar muito ativamente em cada sindicato para atrair às fileiras de sua organização a juventude sindical.

Passemos a outro setor. Existem a União Feminina e diversas sociedades femininas. O que vocês fazem nesta direção? Quantas jovens militam nas associações femininas e quantas delas estão organizadas na UJO? Quais são ativistas e porque muitas delas não estão organizadas na UJO? Chamar a atenção dos companheiros e das companheiras para a organização destas jovens na UJO. A UJO deve unir em suas fileiras a maioria das jovens. Elas podem contribuir enormemente ao movimento juvenil. Esta parte da juventude é importante também desde o ponto de vista nacional. Elas serão mães e delas dependerá que geração darão à nova Bulgária como mães. Como militantes da UJO, se são honradas, cultas, formadas politicamente e de corpo são, elas serão boas mães amanhã. São elas que serão as companheiras de nossos jovens, de nossos ativistas.

Muito depende do fato de que tipo de companheiras serão de seus esposos na vida familiar⁸. Vocês cometeram certos erros no que se refere à cultura física. Retiraram-se das

7 Frente da Pátria foi a organização que aglutinou as forças populares antifascistas que derrotariam em setembro 1944 – com seu braço armado, o Exército Rebelde de Libertação Nacional e o auxílio do Exército Vermelho Soviético – a dominação nazista na Bulgária. Entre as organizações componentes da Frente estava o Partido Comunista Búlgaro. (N.T.)

8 Esse trecho expressa claramente um grande problema político vivenciado por muitas organizações de esquerda no século XX e que até hoje permanece: a subestimação do papel da mulher na luta de classes e a perpetuação do machismo. É tarefa das organizações de esquerda, sobretudo da juventude, superar tais erros, debatendo no dia a dia o problema do patriarcado e de todas as formas de opressões, articulando essas lutas dentro da perspectiva da luta pelo socialismo. (N.E.)

organizações esportivas, pensavam que só a vocês incumbia a organização dos esportes. Devem organizar o trabalho neste sentido, ver que tipo de jovens participam nas organizações esportivas, quem são e porque não estão afiliados à UJO. Destas não só poderiam assegurar certa afluência de militantes à UJO, senão que também poderiam exercer a influência benéfica necessária sobre estas importantes organizações de massas.

Na atividade de vocês nas escolas tropeçarão com maiores dificuldades, o caminho de vocês ali não será muito fácil. A reação trata de criar nestes lugares uma base e vocês deverão tomar contramedidas e fazer mais esforços. Depois do 9 de setembro de 1944 quase todos marchavam na Frente da Pátria, a corrente os arrastava e levava consigo. Agora começou o segundo período, começou a diferenciação: uns estão a favor, outros estão contra e terceiros vacilam. Isto se refere, sobretudo, à intelectualidade. Tal é o período que estamos vivendo. Quanto maiores sejam os êxitos da Frente da Pátria, tanto menores serão as vacilações. A oposição quer precisamente aproveitar este período de vacilações numa parte da intelectualidade para criar seus pontos de apoio no seio da juventude estudantil. A oposição necessita, sobretudo, de estudantes agitadores, é por isso que ali os atacam com mais furor. É notório que Sófia é um ninho da reação. Porém, vocês devem confiar plenamente nas forças do povo. Há jovens que, ao ver que a reação exerce certa influência nalguns meios, se fazem mais intratáveis. É necessário desenvolver uma atividade explicativa, atuar energeticamente para afiançar a fé da juventude, sobretudo da juventude estudantil, na justa causa da Frente da Pátria, nas forças de nosso povo.

III. Sobre a instrução da juventude.

A educação marxista-leninista é um problema importante que requer medidas de particular seriedade. Nós costumamos falar muito desta educação, porém é relativamente pouco o que fazemos neste sentido. A época em que vivemos e as condições nas quais trabalhamos são tais que exigem de cada militante de vocês, de cada membro do partido, aumentar sem cessar seus conhecimentos na área de nossa teoria revolucionária, que aprenda os princípios fundamentais do marxismo-leninismo. É necessário que adaptem e organizem de tal maneira a obra educacional de vocês que ela esteja ao alcance de um amplo setor de suas massas de militantes. À juventude estudantil, que tem certas noções, por exemplo, de ciências naturais e possui uma cultura geral, lhes é mais fácil aprender nossa teoria, porém à juventude operária e camponesa, que não tem noções de cultura geral e que em sua maioria estudou somente até a terceira ou quarta série ou até a sétima ou oitava no

melhor dos casos, para ela, nossa teoria representa certa dificuldade. Por isso, a atividade instrutiva deve se diferenciar, isto é, devem se adotar diferentes métodos relativos à juventude operária e à juventude camponesa. Na Bulgária, neste sentido se atua segundo um único modelo. É necessário que meditem sobre a diferenciação da instrução. É claro que este problema não é fácil. Necessita-se de certa preparação prévia, é necessário fazer um balanço de toda a experiência acumulada até agora neste sentido e estabelecer dois tipos de programa instrutivo: um para os estudantes e para os jovens intelectuais, e outro, popular, para a juventude operária e camponesa.

Não esqueçam que a base do movimento juvenil deve ser a juventude operária e camponesa. Esta é a ampla massa na qual se apoiarão. É muito importante que tenhamos uma intelectualidade honrada, capaz, porém quadros bons devem se formar principalmente no seio da juventude operária e camponesa. A fim de cumprir esta tarefa devem também adaptar sua atividade, devem proceder buscando os meios auxiliares neste sentido. Os círculos devem se ampliar até o máximo: em escolas, aldeias, empresas, escritórios, bairros, porém sua participação deve ser voluntária, não obrigatória. Suscitar um interesse permanente para eles! Reunir-se uma ou duas vezes por semana para ler juntos, para esclarecer os problemas correntes. Que se reúnam onde possam, não é necessário que isto se realize obrigatoriamente numa sede. Destes círculos, integrados por dez ou quinze pessoas, deverão ter milhares, pois é o melhor método de autoeducação. Neles, os jovens se ajudarão uns aos outros, elevarão seu nível cultural, crescerão no sentido ideológico e político.

A autoeducação é uma particular necessidade para a juventude. O partido e a UJO não podem em seus cursos e escolas abarcar a todos os que deveriam estudar. Por isso é tão necessário que cada um se ocupe por si mesmo de sua educação. Criar para este fim uma rede de milhares de círculos, pôr à sua disposição manuais, compêndios e livros para que possam estudar sozinhos, acumular a maior quantidade possível de conhecimentos úteis. Nas condições atuais a autoeducação é o meio mais eficaz para elevar o nível teórico e político de sua massa de militantes. O jovem que se deita à noite sem pensar no que aprendeu durante o dia não realizará progressos. Ainda que esteja sobrecarregado pelo trabalho diário, deve se organizar de tal maneira sua atividade que lhe reste tempo para meditar sobre o que fez durante o dia: bom ou mau. Se for positivo – está bem. Se for negativo – se devem tomar medidas. Em nossos círculos existe a autossuficiência sectária: quem pensa que sabe o que lhe é necessário e que se não sabe poderia aprender se não hoje, amanhã ou depois de manhã. Pois esta autossuficiência sectária é para vocês, os

jovens, a doença mais perigosa, da qual devem se proteger como do fogo. Um refrão russo diz: se você vive um século, um século aprenderá. Isto deve ser uma lei para nós, para os comunistas, para todos os membros. Falar menos e atuar mais! Falar o que é necessário e atuar mais que falar! Estudar, sem dúvida, sem cessar e tenazmente!

O *MladeshkaIskra* (Centelha Juvenil) deve ser um vínculo com a UJO e com toda a juventude. Se ele não penetra ainda suficientemente no seio da juventude, isto se deve a que não se tomam medidas enérgicas para sua difusão. Os devem ter pagos, gente que pagou para receber o jornal diário e se interessa por recebê-lo. Fazer o necessário para a chegada regular do periódico às aldeias, empresas, escritórios e escolas. Que haja pessoas designadas que respondam por isso. Organizar uma ampla rede de responsáveis pelo jornal. Fazer esforços particulares neste sentido, pois sem ele não se pode conseguir sua divulgação em grande escala. E, além disso, que o jornal seja acessível e interessante para a juventude. Este deve responder às necessidades, interesses e exigências culturais da juventude. Uma tiragem de 15 mil exemplares para o seu setor é uma situação muito débil. Sua divulgação e leitura é o barômetro da consciência e eficiência da UJO. As associações deverão designar determinados membros que se encarreguem também da divulgação da revista *Mladesh* (Juventude).

IV. Defesa dos interesses e dos direitos da juventude

Como se sabe, nas empresas estão muitos jovens. Eles representam a maior parte dos operários das fábricas de tabaco, têxteis, etc. A UJO deve manifestar suficiente interesse pela melhoria das condições de trabalho dessa juventude. Neste sentido deve-se prestar uma atenção constante. Nós dizemos: “A UJO é o defensor dos interesses materiais, culturais e espirituais da juventude”. Assim consta também dos Estatutos. Porém, que fazem vocês como organização na defesa dos interesses materiais, culturais e espirituais da juventude? Vocês mesmos se deram conta deste fato. Isto não quer dizer, naturalmente, que devem empreender a construção de casas de repouso, de casas de moradia coletiva, etc. Esta é uma tarefa dos sindicatos, dos proprietários das empresas e do Estado. Não obstante podem fazer muito nas empresas por meio dos comitês sindicais, porém de maneira tal que todo mundo saiba que isso é uma iniciativa de vocês e se realiza com sua ajuda.

A UJO não pode ser uma organização que somente faça propaganda. A UJO é uma organização necessária para a juventude, necessária para a elevação de seu nível material,

cultural e espiritual e é por isso que sua atividade deve vir acompanhada de uma atuação prática na defesa dos interesses e direitos juvenis. Me parece que o calcanhar de Aquiles da UJO é que esta não faz muito e não se ocupa suficientemente da defesa dos interesses vitais da juventude. Prestem uma séria atenção a isto! Neste sentido devem tomar as mais variadas iniciativas até em assuntos aparentemente insignificantes. Se vocês se inteiram que, por exemplo, um de seus jovens está gravemente doente e sua organização o acode e o ajuda o levando ao hospital para que seja devidamente tratado, isto será um fato positivo, que os marcarão. Todo o bairro ou a empresa ficará sabendo. Cuidado e uma atitude atenta para a juventude, no marco das possibilidades materiais, nos limites que oferece o poder da Frente da Pátria, são muito necessários em todos os setores. E estes marcos não são pequenos, eles podem se alargar também na atividade prática. Enquanto se limitem a fazer unicamente a propaganda, seus êxitos serão êxitos pela metade. Se a isso não agregam a atividade prática na defesa da juventude, a força de atração da UJO diminuirá. Disto se aproveitarão os inimigos.

A juventude deve sentir a UJO como sua conselheira e defensora em todas as partes! Não deixem escapar as coisas mais insignificantes neste sentido! Aproveitem, por exemplo, cada casamento de um jovem e enviem alguém para felicitar aos recém-casados! Se alguma garota do campo se casa, membro da UJO, toda a associação deve assistir à boda. Se nascer um filho ou falecer o pai ou a mãe de alguém, deve ir um representante da UJO a prestar a ajuda possível! Não considerem que estas coisas, aparentemente insignificantes, possam minuar a dignidade da UJO como organização combativa. Devem meditar seriamente sobre esses assuntos e poderão achar muitos métodos concretos de trabalho! Isto deve chegar a ser um sistema em sua organização! Não deixem passar nenhuma ocasião que possa ligar vocês mais firmemente à juventude. Que a juventude sinta a UJO como a sua própria organização, à qual se possa dirigir para pedir conselho e ajuda em todos os casos de necessidade. Claro está que se vocês só se ocupassem destas questões, se transformariam numa simples organização beneficente. Para que isso não se suceda, toda essa atividade deve vir unida à sua atividade de organização juvenil combativa. Porém, em todos os casos devem lhes interessar pela juventude, posto que são os dirigentes responsáveis dela. Quantas vezes foram às fábricas para ver como trabalha e como vive a juventude operária e o que concretamente se deve fazer para melhorar sua situação? Vocês devem sentir permanentemente como respira a juventude operária! Isto não é uma tarefa unicamente da seção “Juventude Operária”. Toda a direção deve se preocupar com estas questões e interesses vitais da juventude.

Em nossas fileiras existe a burocracia. O Secretário, por exemplo, ordena e pensa: com isto já todo o trabalho está acabado, tudo está em ordem. Porém, até nos quartéis se devem explicar as coisas. A UJO é uma organização juvenil voluntária: se um jovem quer ingressar em suas fileiras o faz, e se não quiser, não o faz. Vocês devem criar as condições em que lhe faça sentir satisfeito e orgulhoso de ser membro da UJO. Inclusive muitos dirigentes do partido não compreendem esta questão. Mas, para a juventude isto é ainda mais necessário. Os jovens estão numa idade decisiva de transição entre a adolescência e a idade adulta. Durante este período a juventude experimenta sensações e estados de ânimo que às vezes exercem uma influência má e mesmo pernicioso. A direção da UJO deve prestar atenção neste fato e estar vigilante. Tomemos um exemplo: o amor é um sentimento natural e legítimo. Porém, quando um jovem se apaixona podem ocorrer coisas de distintas índoles. O amor nem sempre é correspondido, às vezes causa sofrimentos, preocupações, e o jovem nem sempre pode superar estes sentimentos. Sobrevém a depressão, a melancolia... Se o dirigente é um burocrata, se dará conta de que o companheiro ou companheira está triste, porém isso lhe passará por alto, pois a ele que importa?! Porém, o verdadeiro dirigente deve mostrar uma atitude solícita de companheiro, deve encontrar o tempo necessário para falar com o jovem ou a jovem, alentá-los e ajudá-los a sair dessa situação. Desta forma ajudarão a muitos jovens a resolver as dificuldades em sua vida e a se desenvolver acertadamente.

É necessário uma atitude solícita, prestativa, e um interesse particular e não indiferença para com os companheiros e as companheiras na organização. Trata-se de um capital humano, capital do partido e da UJO. Numa organização de massas, como é a UJO, há também elementos doentios, que abusam da confiança das jovens. Recebi muitas cartas com queixas de caráter semelhante. Há pilantras que brincam com o amor verdadeiro e logo abandonam tudo. Que medidas toma a UJO? Deve esta atuar de forma severa e educativa ou dizer: não me interessam as coisas pessoais deste caráter? Esta atitude burocrática e egoísta repercute desfavoravelmente no desenvolvimento da UJO e deve ser evitada a todo preço. O amor, isto é sabido, é um grande fator na vida das pessoas. Este dá asas. Porém, é necessária uma moral sã, não hipócrita, filistéia⁹, mas uma verdadeira moral comunista. É muito importante que existam relações recíprocas saudáveis entre os

9 Os filisteus eram um povo que vindo possivelmente de Creta ocupou a costa de Canaã, região equivalente a parte do atual Estado de Israel, Faixa de Gaza, Cisjordânia, partes da Jordânia, do Líbano e da Síria, e constam dos relatos bíblicos. Guerrearam contra os hebreus, e por isso foram descritos por estes nos textos bíblicos de forma não muito elogiosa. A denominação filisteu passou a ser sinônimo de inculto, vulgar, com interesses mesquinhos materiais apenas. (N.T.)

militantes da UJO de ambos os sexos, relações de confiança mútua e de cooperação frutífera em prol de nossa grande causa comum.

V. **A UJO como escola do socialismo**

A UJO deve ser a escola do socialismo da juventude progressista. Deve se ocupar de problemas imediatos, da realização do programa da Frente da Pátria, do cumprimento das tarefas colocadas na ordem do dia, lutando contra o fascismo e a reação, a UJO é ao mesmo tempo escola de socialismo. Devemos ter uma juventude operária, camponesa e estudantil que esteja disposta a lutar pelo socialismo e, depois, pelo comunismo.

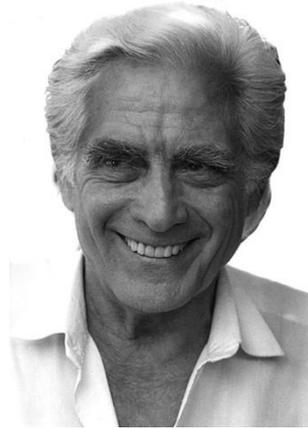
Digam a seus companheiros que leiam minhas intervenções ante a Conferência Regional do Partido e que meditem sobre elas! Devem explicar a seus jovens uma simples verdade: quando se constrói uma casa, não se começa pelo telhado, mas se inicia escavando a terra, colocando as fundações, se elevam as paredes e só então se constrói o telhado. A luta pelo socialismo é também algo semelhante. Não se começa pelo telhado, mas de início devem se colocar as fundações. A realização do programa da Frente da Pátria é precisamente esta base em nosso país. Sobre ela se deve construir, edificar e depois pôr o telhado. Em que momento colocaremos o telhado? Isto dependerá de muitas condições objetivas, porém também de nós mesmos, do fator subjetivo. Quanto melhor trabalharmos, mais rapidamente passaremos ao socialismo. O camponês sabe que antes de qualquer coisa se deve semear, depois se arrancar as ervas daninhas e somente então se colherá uma rica colheita. O mesmo ocorre na vida social. Nós, como marxistas, devemos saber esta simples verdade: arem a terra, a semeiem, arranquem as ervas daninhas e só então obterão uma colheita abundante. Muitos companheiros nossos, sobretudo jovens, não chegam a compreendê-lo, contudo.

É muito importante que tenham uma clara perspectiva. Todos os povos caminham e caminharão para o socialismo. Não existe força capaz de deter esse desenvolvimento em direção ao socialismo. Muito diferente é a questão de quando e como chegarão os povos a ele. E, em segundo lugar, saber que os povos chegarão ao socialismo em todas as partes por sua via própria. Não é uma necessidade inevitável o levantamento armado: em certas condições especiais se pode realizar o socialismo sem levantamento armado. Agora estamos em presença de tais condições: por um lado, o grande Estado socialista com uma enorme influência política e moral, a União Soviética; e por outro, as transformações

democráticas que levam a cabo numa série de países e abrem o caminho para o socialismo.

Nossa tarefa principal é reforçar agora a unidade da Frente da Pátria como poderosa união das forças antifascistas, democráticas e progressistas de nosso povo, em cujas primeiras fileiras se deve achar nossa juventude, e extirpar sem piedade os restos do fascismo, frear a reação, levar à vitória a causa histórica do 9 de setembro: a construção da República Popular em nosso país. E, quanto mais rapidamente realizemos tudo isto, mais seguramente poderá nosso povo passar ao socialismo.

Em nosso país há pessoas que apreenderam algo de Marx, porém aprenderam como papagaios. Aprendem o marxismo, não de maneira criadora, como um guia para a ação, mas dogmaticamente. Nós devemos ser marxistas criadores, isto é, devemos ver o novo, o que depois de Marx nos deu Lênin. Aprendendo inteligentemente o novo no marxismo seremos capazes de resolver com acerto o problema da transição do capitalismo ao socialismo, de acordo com a situação concreta de nosso país, de acordo com suas particularidades econômicas, culturais, nacionais e históricas. Se aprendermos o fundamental da ciência marxista-leninista, esta nos servirá como um guia para a ação e não como uma receita para todos os países, épocas e condições. Não existe e nem pode existir tal receita ❧



A ORGANIZAÇÃO: EXPRESSÃO E INSTRUMENTO DA FORÇA DO PARTIDO

Álvaro Cunhal¹⁰

A Organização e os Seus Dois Significados

Falando-se de organização devem ter-se em conta dois significados da palavra que traduzem duas realidades distintas: a organização no sentido da disposição e arrumação hierarquizada e funcional dos militantes; e a organização num sentido mais lato como aspecto universal de toda a atividade partidária.

No primeiro significado, os problemas e tarefas de organização abarcam o recrutamento, a estruturação, os órgãos, os organismos e as organizações, o seu funcionamento e as suas competências e responsabilidades. Abarcam também, em termos de funcionamento, os princípios orgânicos definidos nos Estatutos.

No segundo significado, os problemas e tarefas de organização, abarcando toda a atividade partidária, traduzem-se em decisões e medidas de planificação, definição de objetivos de ações a empreender, determinação e calendarização dos atos, mobilização e distribuição dos recursos naturais e humanos, fixação de tarefas, sua direção e execução. A organização não é um fim em si, mas um instrumento, uma arma para a ação coletiva. Neste segundo significado, organização é ordem, é sistematização, é método, é eficácia.

Tanto num como noutro significado, o PCP dispõe de uma forte organização, reconhecidamente sem paralelo em qualquer outro partido português.

¹⁰ O presente texto constitui o sétimo capítulo de *O partido com paredes de vidro*.

Por um lado, uma grande organização estruturada, na qual, por princípio, cada membro do Partido tem um lugar, pertence a um organismo, tem uma tarefa. É certo que este princípio não consegue ainda ser aplicado à totalidade dos membros. Há sempre uma parte considerável de membros do Partido com atividade irregular. Estando, entretanto, atualmente estruturados mais de três quartos dos duzentos mil militantes, o facto representa uma força enorme com grande capacidade de intervenção na vida nacional.

Por outro lado, a organização cuidadosa e sistemática de cada atividade, de cada ação, de cada iniciativa, de cada luta, é um aspecto fundamental da concretização do trabalho coletivo e um dos «segredos» da eficácia e do êxito das atividades do PCP.

Certos críticos de mentalidade pequeno-burguesa julgam ver, tanto na integração dos militantes comunistas numa estrutura orgânica como nos métodos e hábitos da organização dos comunistas, qualquer coisa que contraria a liberdade e a iniciativa individuais. A verdade é que a organização nos seus dois sentidos, não só aligeira consideravelmente o esforço individual como permite de facto que seja assegurada a liberdade e se promova a iniciativa e a criatividade.

O “espírito de organização” é um traço típico do Partido e constitui um dos fatores determinantes da sua força e capacidade de realização.

A Força dos Números

Em termos de força organizada, o PCP é sem dúvida o maior partido português. Nenhum outro se lhe compara em número de membros, em estruturação, em funcionamento, em regular atividade.

Não cultivamos o feiticismo dos números. Mas os números relativos à organização valem como indicativos da enorme força e do incessante progresso do Partido.

São de reter particularmente dois aspectos: o progresso incessante dos efetivos do Partido e o desenvolvimento regional.

Ao sair da clandestinidade, o primeiro balanço realizado depois do 25 de Abril (16 de julho de 1974) acusava 14 593 inscrições. Desde então o desenvolvimento foi contínuo. 29 140 membros do Partido por altura da tentativa do golpe de Spínola do 28 de setembro. Cerca de 100 000 quando do golpe militar falhado de 11 de março de 1975. 115 000 em 1976 (VIII Congresso). 164 713 em 1979 (IX Congresso). 200 753 em 1983 (X Congresso).

O aumento contínuo dos efetivos do Partido tem particular interesse por se verificar, tanto no período de fluxo revolucionário (1974-1975) como nos últimos 9 anos, caracterizados pelo avanço do processo contrarrevolucionário conduzido por sucessivos governos que tomaram o PCP como alvo político fundamental dos seus violentos ataques e campanhas.

Como explicar este fato?

Em primeiro lugar, explica-se porque o PCP, ao contrário de todos os outros partidos, manteve sempre, em todas as situações, uma firme atividade em defesa constante, conseqüente e dedicada dos interesses da classe operária e das massas populares, das conquistas democráticas da revolução portuguesa, do regime democrático e da independência nacional.

Durante o fluxo revolucionário, a classe operária e as massas puderam ver no PCP a força política dinamizadora da luta e dos processos que conduziram às grandes conquistas democráticas. Durante o refluxo, puderam ver no PCP a grande força da resistência à contrarrevolução, sempre e em todas as circunstâncias ao lado do povo e em sua defesa.

Em segundo lugar, explica-se porque o PCP teve sempre, como direção fundamental da sua ação, o aprofundamento da sua ligação com a classe operária e as massas, a sua integração, simultaneamente como parte integrante e como força dirigente, na vida e na luta do povo português.

Em terceiro lugar, explica-se porque a vida comprovou, ao longo de todo este período, as análises, as conclusões, as previsões e a justeza das propostas feitas pelo PCP. Quanto ao desenvolvimento regional, é conhecido que a força organizada do Partido está muito concentrada. Há distritos — como os de Setúbal, de Beja, de Évora, parte dos de Lisboa, de Santarém e de Portalegre — onde o Partido tem fortíssimas organizações, com a efetiva e incontestável direção de todo o movimento operário e popular, número elevado de deputados eleitos e a maioria ou a quase totalidade das autarquias. E há distritos onde são pequenas as organizações e é baixa a influência política e o apoio eleitoral.

Os números mostram, porém, que o Partido ganha terreno em regiões que alguns anos atrás a reação considerava inacessíveis e impermeáveis à influência comunista.

É certo que, em termos absolutos, os maiores progressos se registram nas organizações mais fortes. No distrito de Setúbal o número de membros do Partido aumentou 9258 de 1978 para 1984. No distrito de Lisboa 7707.

Entretanto o distrito do Porto, o mais importante do Norte, registou nos mesmos anos um crescimento espetacular: mais 9599 membros do Partido, correspondendo a um aumento de 56,5%.

Também de sublinhar que, nos distritos de Vila Real, Guarda, Bragança (assim como na Região Autónoma dos Açores), os efetivos mais que duplicaram. No de Viseu quase que duplicaram. Nos de Braga, Aveiro e Castelo Branco o aumento ultrapassou os 40%.

Se tivermos ainda em conta que o número de organismos passou de 6000 em 1975 para 9000 em 1983, que mais de 45 000 mulheres são membros do Partido, que cerca de 50 000 militantes têm menos de 30 anos (sem contar os 30 000 membros da JCP), estes números expressam sem dúvida *uma organização sem paralelo entre os partidos existentes em Portugal*.

Os números são índices do valor da organização. Mas nem só os números o são. Os números são ainda mais significativos porque ser membro do PCP não se limita a ter no bolso um cartão do Partido. Significa pertencer a uma organização e ter uma atividade regular. Porque a vida interna do Partido é uma vida intensa de análise das situações, debate, definição de tarefas, dinamização e realização de atividades práticas, amplo trabalho de massas.

Por tudo isso, a organização do PCP é motivo de inveja de todos os outros partidos.

Segundo os últimos dados anunciados pelos próprios partidos, os efetivos do PS rondam os 40 000 e os do PSD menos de 60 000.

O funcionamento destes dois partidos reduz-se às reuniões dos organismos de direção nacional e regional. Muitas das suas sedes ou estão encerradas ou são edifícios sem frequência. Contrastando com o vasto apoio eleitoral com que têm contado, o seu efetivo, direto e empenhado apoio social e político é muito reduzido.

Se, em relação aos outros partidos, a influência real e a força real do PCP é incomparavelmente superior ao que se poderia inferir das percentagens de votos alcançados nas eleições, isso deve-se em grande parte à profunda diferença entre a organização do PCP e a organização dos outros partidos. A organização do PCP é um seu traço distintivo e um fator fundamental da sua capacidade de intervenção na vida nacional.

O Aparelho ou Núcleo Central

A atuação do Partido, respondendo com capacidade, eficácia e rigor às múltiplas e complexas tarefas, dispõe de um aparelho ou núcleo central, que, no quadro da organização estruturada, intervém como força dinamizadora e apoio técnico indispensável.

Quais são as componentes desse aparelho ou núcleo central? Quais os organismos, organizações, meios e recursos que abrange?

O aparelho ou núcleo central abrange os organismos de direção no seu esquema hierarquizado; os funcionários do Partido; as diversas comissões junto do CC; as secções e comissões com tarefas específicas a nível central e regional (SIPs, comissões de organização), os meios técnicos ao dispor dos organismos de direção (gráficos, audiovisuais, fotográficos, de reprodução de documentos) e os meios humanos que os acionam: serviços administrativos; serviços de apoio (cantinas, limpeza, etc.); Centros de Trabalho; meios de transporte; segurança.

O aparelho compreende o núcleo e aparelho junto do Comitê Central e os núcleos e aparelhos das organizações regionais e de todas as outras organizações.

O núcleo ou aparelho não está separado da totalidade da organização. Pelo contrário. Está estreitamente inserido em toda a organização, como elemento dinamizador e coordenador e como suporte técnico do trabalho de todo o Partido.

Não está todo centralizado em torno do Comitê Central. Pelo contrário. Se em parte o está, outra e grande parte está descentralizada pelas várias organizações. O aparelho do PCP não representa uma forma ou uma expressão de centralização, antes um poderoso instrumento de descentralização da responsabilidade, da decisão, da iniciativa e dos meios.

A palavra “aparelho” é muitas vezes utilizada pelos detratores do Partido com um sentido depreciativo e pejorativo.

A verdade é que tal sentido se pode dar falando de aparelhos dos partidos burgueses, não do aparelho do PCP.

Nos partidos burgueses, o aparelho é um complexo burocrático e dirigista, que mantém todo o resto do partido sob o seu comando e em completa dependência, de tal forma que muitas vezes os conflitos entre os chefes são as lutas pelo controle do aparelho. Nesses partidos, quem tem nas mãos o aparelho tem o partido nas mãos. São frequentes os casos em que os conflitos de opinião entre os dirigentes acabam por resolver-se, não porque se reconheça que este ou aquele tem razão, mas porque este ou aquele conseguiu deitar as

mãos ao aparelho e utilizá-lo contra os adversários, independentemente da vontade democrática do partido. Nesses partidos, o aparelho está ao serviço dos dirigentes e é um instrumento de submissão ditatorial do partido.

É inevitável que tais “aparelhos” se desacreditam aos olhos dos militantes e das massas e dão à palavra um sentido negativo.

No PCP a situação é radicalmente diferente. O aparelho está ao serviço do Partido. Nenhum dirigente ou organismo de direção tem nem poderia ter o aparelho nas mãos. O aparelho não é de tal ou tal dirigente, de tal ou tal grupo, nem mesmo de tal ou tal organismo. O aparelho é de todo o Partido e o seu funcionamento e os seus recursos estão inseridos no funcionamento democrático e no trabalho coletivo.

O aparelho ou núcleo central fortemente organizado, dispendo de recursos humanos, técnicos e financeiros adequados, com quadros, setores e serviços especializados nas funções e tarefas que lhes são atribuídas nas diversas organizações e escalões do Partido, é por esta forma um importante elemento da força do Partido, da sua capacidade de realização, da eficiência das suas atividades.

O Valor dos Aparelhos e o Combate às Tendências Burocráticas

O aparelho ou núcleo central representa um papel da mais alta importância no Partido, desde que seja assegurado no aparelho o cumprimento dos princípios orgânicos e a prática do estilo de trabalho do Partido. Trata-se de uma condição indispensável porque qualquer aparelho, mesmo quando inserido na totalidade da organização, é suscetível de facilitar tendências burocráticas consubstanciadas no que se pode chamar “espírito de aparelho” ou “vícios de aparelho”.

O aparelho ou núcleo central do PCP compreende e cumpre as suas funções e é no fundamental alheio ao burocratismo e aos “vícios de aparelho” por duas razões fundamentais: porque são constantemente valorizadas as orientações, normas e métodos corretos de trabalho em que, também constantemente, se insiste; e porque são constantemente combatidas tendências burocráticas e as suas manifestações.

São orientações constantemente valorizadas, a criação de um ambiente fraternal, de confiança recíproca em todos os organismos, mantendo sempre viva a responsabilização individual de cada um dos membros e a responsabilização coletiva e individual perante a organização respectiva e perante todo o Partido. São combatidas manifestações de

compadrio ou de espírito de capela entre os membros de qualquer organismo; tendências de encobrimento ou desculpa recíproca das deficiências e faltas; climas de conflitos e incompatibilidades pessoais.

São orientações constantemente valorizadas a atenção às opiniões e críticas dos militantes das organizações respectivas, a fim de colher nas opiniões e críticas contribuições positivas para o melhoramento da atividade. São combatidas manifestações de resistência sistemática à crítica ao trabalho do organismo e dos seus membros e de desautorização da crítica respondendo à crítica com a crítica. São combatidas quaisquer práticas de abafar as opiniões discordantes sobretudo quando vindas de camaradas menos responsáveis; de reter reclamações, críticas, protestos e apelos dirigidos a organismos superiores. São combatidos conceitos de que, na organização ou setor respectivo, o organismo dirigente tem sempre razão e é a suprema instância de decisão.

São orientações constantemente valorizadas a apreciação dos quadros pelo seu valor real, sem subjetivismo, selecionando e promovendo segundo as qualidades reais e não por simpatia ou por critérios pessoais. São combatidas quaisquer manifestações de discriminação por motivo de simpatia ou de antipatia, de protecionismos, de situações em que se “toma de ponta” um membro do Partido, de promoções de “partidários” de tal ou tal camarada, de “repressão política” de camaradas considerados “incômodos” pelas suas opiniões discordantes.

São orientações constantemente valorizadas a prontidão, o desembaraço e o despacho nas respostas aos problemas postos, o atuar na hora exata, o tomar de decisões na base da análise das situações concretas, a iniciativa e o espírito criativo, a documentação rigorosa, precisa e selecionada. São combatidas manifestações de rotina, de repetição mecânica e preguiçosa de soluções sem querer saber das situações concretas; da morosidade erigida em método; da obstrução a quaisquer ideias ou iniciativas que saiam do ramerrame estabelecido, do alargamento e adiamento inútil dos processos de exame e de decisão com pretextos de caráter formal, da transformação da documentação em “montes de papelada” amontoados pelo feiticismo da quantidade com prejuízo da seleção e do estudo.

São orientações constantemente valorizadas nos funcionários do Partido a disponibilidade, a compreensão da militância como atitude política, moral e revolucionária, a dedicação como maneira de estar na vida. São combatidas tendências de funcionários do Partido para encarar o trabalho no Partido como o trabalho para um patrão, atrasando nas horas de entrada, antecipando as horas de saída, multiplicando os intervalos pelos motivos mais

fúteis, comportando-se num Centro de Trabalho como certa gente nas repartições, instalando-se atrás da secretária, não tanto como à roda do leme mas como numa escrivania burocrática, encarando a funcionalização no Partido com critérios de profissionalismo e carreirismo.

O próprio fato de que se valorizam as orientações indicadas e se combatem os vícios referidos indica que, apesar do magnífico estilo de trabalho alcançado no PCP, aparecem, num ou noutro organismo e num ou noutro camarada, tendências, manifestações e práticas de burocratismo — dos “vícios de aparelho”.

Deve ter-se plena consciência de que onde quer que exista um aparelho (no Partido ou no Estado) *tendências burocráticas e “vícios de aparelho” são como as ervas daninhas: brotam com facilidade e crescem rapidamente se não são arrancadas ao nascimento.*

Por isso se considera indispensável a permanente vigilância e uma intervenção pronta e construtiva para não deixar medrar fenómenos negativos.

Tal atitude é válida atualmente. E será sem dúvida válida no futuro.

Um Princípio Geral e Universal de Trabalho

A organização é um princípio geral e universal do trabalho do Partido. É decisiva para o êxito de qualquer tarefa e da atividade em geral.

Perante as grandiosas e frequentes iniciativas do Partido, muitos perguntam como são possíveis tais realizações. Alguns comentadores acrescentam que se compreende que as possam levar a cabo partidos no Poder, mas que é um tanto incompreensível que o faça um partido atuando nas condições do nosso.

Nessa capacidade de realização do PCP intervêm numerosos fatores. A extraordinária militância dos membros do Partido. A mobilização e concentração de esforços e recursos materiais e humanos. A existência de infraestruturas técnicas em expansão. A experiência acumulada. E outros. Com papel relevante, a organização, ou, se se quiser, a capacidade de organizar.

Em qualquer das grandes realizações do Partido a organização é um dos elementos básicos do trabalho.

O trabalho de organização começa na concepção da própria realização, na definição dos seus objetivos e aspectos, na planificação, na calendarização do andamento do trabalho, no

cálculo dos recursos necessários e dos recursos disponíveis. Prolonga-se na consignação de quadros e recursos, no planeamento e ordenamento do trabalho e nas medidas executivas correspondentes. Desenvolve-se na combinação da atividade de estruturas especialmente criadas para o efeito com a atividade das organizações normais do Partido.

Através de dois exemplos concretos pode melhor concluir-se do trabalho de organização realizado, tanto nas grandes iniciativas partidárias como pelos membros do Partido, juntamente com trabalhadores de outras tendências, em grandes iniciativas de organizações sindicais e organizações representativas dos trabalhadores.

Primeiro exemplo: *a Festa do “Avante!”*. Sob orientação direta do Secretariado e da Comissão Política do CC, cria-se, para orientar e dirigir todo o trabalho, uma Comissão Nacional da Festa que tem duas componentes essenciais. Por um lado, representantes de todas as direções regionais do Partido, da JCP, das organizações de mulheres, de aposentados, de deficientes, das redações do Avante! e de O Militante, da Editorial «Avante!», do Grupo Parlamentar, etc. Por outro lado, responsáveis pelo trabalho específico da Festa, assegurado por uma série de comissões que por sua vez dispõem de equipas e grupos respeitantes a cada um dos aspectos do trabalho: programa político-cultural, espetáculos, projeto, implantação, cidade internacional, quadros e pessoal, administração e gestão financeira, propaganda, armazéns, abastecimentos, material, transportes, etc. O trabalho central da Festa é assegurado por uma Comissão Executiva e o funcionamento da Festa nos dias da sua duração por uma Comissão de Campo.

No total, são milhares de militantes que, ou num trabalho permanente no terreno, ou em jornadas de trabalho voluntário, ou em atividades altamente qualificadas, sob o ponto de vista técnico e artístico, ou nas estruturas criadas em cada região, asseguram com um trabalho coletivo superiormente organizado a realização da grandiosa iniciativa.

Segundo exemplo: *uma manifestação unitária de rua envolvendo os distritos de Lisboa e Setúbal*.

Forma-se uma Comissão Coordenadora Interdistrital, uma Comissão de Campo Interdistrital, comissões dinamizadoras de cada um dos distritos, comissões dinamizadoras dos principais concelhos, comissões de campo de cada distrito, de cada concelho e de cada setor. São centenas, mesmo milhares de camaradas que, de uma forma planificada, são integrados nesses organismos dinamizadores e executantes, lado a lado com trabalhadores que não pertencem ao Partido.

Depois, quando observadores superficiais veem, antes de uma manifestação, a disposição ordenada dos manifestantes nos locais de concentração que lhes foram destinados, e veem depois como entram ordenadamente no cortejo, como esse majestoso rio humano corre ordeiro, seguro, disciplinado e entusiástico, como a orientação e os objetivos são unânimes de ponta a ponta — tudo parece espontâneo e fácil. E, entretanto, quanto mais espontâneo e fácil parece mais intenso e mais determinante foi o trabalho de organização.

Qualquer destas grandes iniciativas, como muitas outras que poderiam citar-se de caráter partidário ou unitário, são testemunho de um esforço coletivo de muitos milhares de militantes e de um colossal trabalho de organização.

A importância deste trabalho não se afere apenas pelo êxito das iniciativas do Partido ou daquelas em que o Partido participa. O espírito de organização e a capacidade de organização são indispensáveis a um partido político, não apenas para o desenvolvimento da sua atuação especificamente partidária, mas também para todos os aspectos da sua intervenção na vida política, social, económica e cultural do País. Indispensáveis também na ação governativa.

Um partido leva para o governo em que participa ou a sua capacidade organizativa ou a sua subestimação em matéria de organização. A ação governativa é em muitos aspectos um espelho das virtudes ou carências organizativas do partido que a exerce.

Assim, por exemplo, o PS e o PSD no governo caracterizaram-se, por um lado, pela persistência em medidas contrarrevolucionárias visando objetivos políticos estratégicos, por outro lado, no que respeita à solução de problemas reais, pela desorganização, precipitação e inconsideração, pela falta de rigor no estudo e nas decisões, pela morosidade, por decisões provisórias que avançam como definitivas, que absorvem grandes recursos e depois são anuladas em pura perda.

Quando se diz que os problemas nacionais portugueses não se podem resolver sem o PCP, isto significa que o PCP está em condições de levar a um governo, como já leva a numerosas autarquias e a diversos setores da vida nacional, não apenas o conhecimento dos problemas e propostas construtivas de uma política alternativa, mas também a isenção, a seriedade, a competência, a capacidade de realização e a capacidade organizativa.

O espírito e a capacidade de organização do PCP são necessários e indispensáveis ao nível do Poder para que a crise possa ser atacada e superada e os problemas nacionais possam ser resolvidos.

Organização e Trabalho de Massas

A organização e a atividade e a luta de massas estão dialeticamente unidas. São, uma e outra, no seu paralelo desenvolvimento, simultaneamente causa e efeito.

Só foi possível criar e construir uma organização como a do PCP porque o trabalho de massas tem sido ao longo dos anos o fundamental da atividade do Partido.

E só se pode ter um trabalho de massas tão vasto e profundo, como realiza o PCP, dispondo o Partido da organização de que dispõe.

A organização é um instrumento capital para promover, orientar e desenvolver a atividade e a luta de massas. E a atividade e a luta de massas constituem o terreno fecundo em que germina, se desenvolve, floresce e frutifica a organização do Partido.

Setorialmente, no processo de desenvolvimento partidário, a organização pode preceder ou seguir o trabalho de massas. Se preceder, uma das suas primeiras e essenciais tarefas é encontrar as formas de realizar o trabalho de massas. Se aparece na sequência do trabalho de massas realizado através de organizações unitárias, é indispensável que prossiga esse trabalho incessantemente.

Uma organização que se fecha em si própria, que se volta para dentro, que não estabelece ou que perde a ligação com as massas, está condenada a estiolar, a envelhecer e a morrer sem nada deixar atrás de si. As organizações do Partido, para cumprirem a sua missão e para se desenvolverem elas próprias, têm de estar voltadas para fora, porque o viveiro da organização, dos novos militantes, dos quadros, das energias, da inspiração, dos recursos, é o trabalho de massas.

O recrutamento pode ser dirigido (quando as organizações tomam a iniciativa de fazer abordagens propondo a inscrição) ou espontâneo (quando são os candidatos que procuram inscrever-se por iniciativa própria).

Há casos de inscrições no Partido que resultam do amadurecimento da consciência política dos candidatos sem ligação com qualquer movimentação de massas no concreto. Mas, quando se registam progressos massivos e rápidos nas inscrições, pode ter-se por certo que é a luta de massas dirigida pelo Partido que traz ao Partido os lutadores de vanguarda. Com razão temos dito que, nas grandes campanhas de recrutamento, os novos militantes chegam ao Partido na crista da onda da luta de massas.

Alguns observadores manifestam surpresa pelo facto de o PCP — que antes do 25 de Abril era obrigado a uma profunda clandestinidade, contava com um número muito limitado de

membros e adotava rigorosas regras de defesa — ter conhecido depois do 25 de Abril um rapidíssimo desenvolvimento orgânico que o transformou num grande partido de massas.

A surpresa resulta do desconhecimento da orientação e da atividade do PCP na clandestinidade. Apesar de sujeito a uma violenta repressão e obrigado a adotar rigorosas regras de defesa, o PCP, na clandestinidade, salvo curtos períodos, nunca esteve voltado para dentro. Ao contrário. Esteve sempre voltado para fora, para as massas, tendo como preocupação fundamental a ligação à classe operária e às massas e a direção, preparação, organização e desenvolvimento da luta da classe e das massas, encontrando ou descobrindo para isso as formas adequadas de organização e de associação do trabalho legal, semilegal e ilegal.

Essa orientação do trabalho voltado para fora, para as massas, não só foi um dos fatores decisivos para que o Partido tivesse podido resistir à repressão, durante dezenas de anos de ditadura, como explica que, após o 25 de Abril, o PCP, senhor de rica experiência, tenha aparecido com extraordinária inserção nas massas populares e com grande capacidade de mobilização e direção da sua luta.

Insistindo na sua orientação política, continuando a defender com firmeza e dedicação os interesses do povo português e de Portugal, desenvolvendo o trabalho e a luta de massas, é praticamente inevitável que, mantendo-se o regime democrático, a organização do PCP continuará a alargar-se e a reforçar-se.

O Partido - “Aquela Máquina”?

A propaganda anticomunista, por muito absurdas invencionices e muito vis calúnias que engendre e divulgue, não pode deixar de reconhecer a força, o rigor e eficiência do trabalho, a capacidade de organização e de mobilização do Partido.

Para explicar tal apreciação, que contradiz um juízo global depreciativo, afirma que o Partido é «uma máquina» — “aquela máquina”.

À primeira vista, a expressão parece tanto um elogio que até camaradas a tomam como tal e a repetem contentes.

Entretanto essa expressão deturpa a realidade do Partido e das causas profundas da sua força, da sua eficiência, da sua capacidade.

Não, o Partido não é “aquela máquina”.

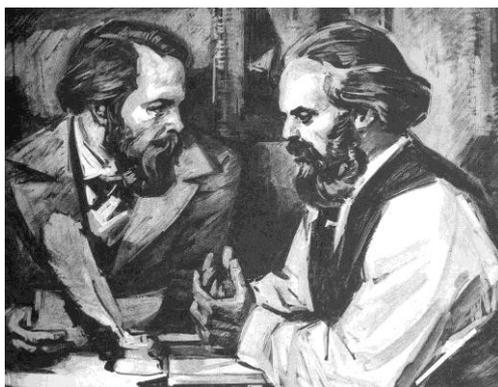
Numa máquina, cada peça — cada roda, cada êmbolo, cada engrenagem — atua automaticamente, submetida passivamente ao ordenamento e à propulsão geral da máquina, sem qualquer capacidade de decisão, sem qualquer intervenção autónoma, sem qualquer possibilidade de reação ou de criação.

O Partido, na sua realidade e no seu funcionamento, é precisamente o invés da máquina.

Ou seja: é uma “máquina” cujo funcionamento, em vez de determinar e comandar a intervenção das várias peças, é por estas determinado.

É uma “máquina” em que cada peça, cada roda, cada êmbolo, cada engrenagem, é um ser humano ou um coletivo de seres humanos, com inteligência, sentimentos e vontade, com independência bastante para autodeterminar a sua ação, com capacidade para dar uma contribuição própria, autónoma e criativa.

O partido não é, pois, “aquela máquina”. É um imenso coletivo de homens e mulheres cujo andamento é determinado por todos e por cada um 



Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas

Karl Marx/Friedrich Engels

Março de 1850 – Do Comitê Central à Liga

Irmãos: Durante os dois anos revolucionários de 1848 e 1849, a Liga atravessou galhardamente uma dupla prova: primeiro, porque os seus membros participaram energicamente do movimento em todos os lugares onde ele se deu e porque, na imprensa, nas barricadas e nos campos de batalha, estiveram na vanguarda da única classe verdadeiramente revolucionária - o proletariado. Ademais, porque a concepção que a Liga tinha do movimento, tal como foi formulada nas circulares dos congressos e do Comitê Central, em 1847, assim como no Manifesto Comunista, se revelou a única acertada; porque as esperanças manifestadas nesses documentos se confirmaram plenamente, e os pontos de vista sobre as condições sociais do momento, que a Liga até então só havia divulgado secretamente, se acham agora na boca de todo o mundo e são defendidos abertamente nas praças públicas. Ao mesmo tempo, a primitiva e sólida organização da Liga se debilitou de modo considerável. Grande parte dos seus membros - os que participam diretamente do movimento revolucionário - acreditava que já havia passado a época das sociedades secretas e que bastava a atividade pública. Alguns círculos e comunidades foram enfraquecendo os seus laços com o Comitê Central e terminaram por extinguí-los pouco a pouco. Assim, pois, enquanto o partido democrático, o partido da pequena- burguesia, fortalecia sua organização na Alemanha, o partido operário perdia sua única base firme, conservava a custo sua organização em algumas localidades, para fins exclusivamente locais e, por isso, no movimento geral caiu por completo sob a influência e a direção dos democratas pequeno-burgueses. É necessário acabar com tal estado de

coisas, é preciso restabelecer a independência dos operários. Compreendendo esta necessidade, o Comitê Central, já no inverno de 1848- 1849, enviou Joseph Moll com a missão de reorganizar a Liga na Alemanha. A missão de Moll não produziu o resultado desejado, em parte porque os operários alemães não tinham experiência suficiente e em parte por que tal experiência se interrompeu em virtude da insurreição de maio do ano passado. O próprio Moll, que empunhou armas e se incorporou ao exército de Baden-Palatinado, tombou no encontro de 19 de julho, nas imediações de Murg. A Liga perdeu nele um dos membros mais antigos, mais ativos e mais seguros, que havia participado de todos os congressos e comitês centrais e que já realizara antes, com grande êxito, várias missões no exterior. Depois da derrota dos partidos revolucionários da Alemanha e França, em julho de 1849, quase todos os membros do Comitê Central voltaram a reunir-se em Londres, preencheram as suas fileiras com novas forças revolucionárias e empreenderam com renovada energia a tarefa de reorganizar a Liga.

Esta reorganização só pode ser alcançada por um enviado especial, e o Comitê Central acha que é de grande importância que esse enviado parta precisamente agora, quando é iminente uma nova revolução, quando, portanto, o partido operário deve agir de modo mais organizado, mais unânime e mais independente, se não quer de novo ser explorado pela burguesia e marchar a reboque desta, como em 1848.

Já em 1848, vos dissemos, irmãos, que os liberais burgueses alemães logo chegariam ao poder e empregariam imediatamente contra os operários esse poder recém-conquistado. Já vistes como se realizou isto. Com efeito, imediatamente depois do movimento de março de 1848, foram os burgueses que ficaram com o poder, utilizando-o sem delongas para forçar os operários, seus aliados na luta, a voltar à sua condição anterior de oprimidos. E, embora a burguesia não pudesse obter tudo isso sem se aliar ao partido feudal, derrotado em março, e, afinal, sem ceder de novo ao domínio deste mesmo partido absolutista feudal, pode, não obstante, assegurar para si as condições que, em vista das dificuldades financeiras do governo, haveriam de pôr finalmente nas suas mãos o Poder e salvaguardariam os seus interesses, no caso de o movimento revolucionário entrar, a partir de agora, na via do chamado desenvolvimento pacífico. Para assegurar seu domínio, a burguesia nem sequer precisava recorrer a medidas violentas, que a tornariam odiosa aos olhos do povo, pois todas essas medidas violentas já haviam sido tomadas pela contra-revolução feudal. Mas o desenvolvimento não há de seguir essa via pacífica. Pelo contrário, a revolução, que há de acelerar esse desenvolvimento, está próxima, quer seja

provocada por uma insurreição do proletariado francês, quer por uma invasão da Babel revolucionária pela Santa Aliança.

E o papel de traição que os liberais burgueses alemães desempenharam em relação ao povo, em 1848, será desempenhado na próxima revolução pelos pequeno-burgueses democratas, que hoje ocupam na oposição o mesmo lugar que ocupavam os liberais burgueses antes de 1848. Este partido democrático, mais perigoso para os operários do que foi o partido liberal, está integrado pelos seguintes elementos:

- I. Pela parte mais progressista da grande burguesia, cujo objetivo é a total e imediata derrocada do feudalismo e do absolutismo. Essa fração está representada pelos antigos conciliadores de Berlim que propuseram a suspensão do pagamento de suas contribuições.
- II. Pela pequena-burguesia democrata-constitucional, cujo principal objetivo no movimento anterior era criar um Estado federal mais ou menos democrático, tal como o haviam propugnado os seus representantes - a esquerda da Assembléia de Frankfurt -, mais tarde o Parlamento de Stuttgart e ela mesma na campanha de pró-constituição do Império.
- III. Pelos pequeno-burgueses republicanos, cujo ideal é uma república federal alemã no estilo da Suíça e que agora se chamam a si mesmos "vermelhos" e "democrata-sociais", porque têm o pio desejo de acabar com a opressão do pequeno capital pelo grande, do pequeno-burguês pelo grande burguês. Representavam esta fração os membros dos congressos e comitês democráticos, os dirigentes das uniões democráticas e os redatores da imprensa democrática.

Agora, depois da sua derrota, todas essas frações se chamam republicanas ou vermelhas, exatamente como os pequeno-burgueses republicanos da França se chamam, hoje em dia, socialistas. Ali onde ainda têm a possibilidade de perseguir seus fins por métodos constitucionais, como em Wurtemberg, Baviera etc., aproveitam a ocasião para conservar as suas velhas frases e para demonstrar com os fatos que não mudaram em absoluto. Compreende-se, de resto, que a mudança de nome deste partido não modifica de modo algum sua atitude para com os operários; a única coisa que faz é demonstrar que agora se vê obrigado a lutar contra a burguesia, aliada ao absolutismo, e a procurar o apoio do proletariado.

O partido democrata pequeno-burguês é muito poderoso na Alemanha. Não somente abrange a enorme maioria da população burguesa das cidades, os pequenos comerciantes e

industriais e os mestres artesãos, mas também é acompanhado pelos camponeses e operários agrícolas, pois estes últimos ainda não encontraram o apoio de um proletariado urbano independentemente organizado.

A atitude do partido operário revolucionário em face da democracia pequeno-burguesa é a seguinte: marchar com ela na luta pela derrubada daquela fração cuja derrota é desejada pelo partido operário; marchar contra ela em todos os casos em que a democracia pequeno-burguesa queira consolidar a sua posição em proveito próprio.

Longe de desejar a transformação revolucionária de toda a sociedade em benefício dos proletários revolucionários, a pequena-burguesia democrata tende a uma mudança da ordem social que possa tornar a sua vida, na sociedade atual, mais cômoda e confortável. Por isso, reclama em primeiro lugar uma redução dos gastos do Estado por meio de uma limitação da burocracia e do deslocamento das principais cargas tributárias para os ombros dos grandes proprietários de terras e burgueses. Exige, ademais, que se ponha fim à pressão do grande capital sobre o pequeno, pedindo a criação de instituições de crédito do Estado e leis contra a usura, com o que ela e os camponeses teriam a possibilidade de obter, em condições favoráveis, créditos do Estado, em lugar de serem obrigados a pedi-los aos capitalistas; ela pede, igualmente, o estabelecimento de relações burguesas de propriedade no campo, mediante a total abolição do feudalismo. Para levar a cabo tudo isso, precisa de um regime democrático, seja constitucional ou republicano, que dê maioria a ela e a seus aliados, os camponeses, e autonomia democrática local, que ponha nas suas mãos o controle direto da propriedade comunal e uma série de funções desempenhadas hoje em dia por burocratas.

Os democratas pequeno-burgueses acham também que é preciso opor-se ao domínio e ao rápido crescimento do capital, em parte limitando o direito de herança, em parte pondo nas mãos do Estado o maior número possível de empresas. No que toca aos operários, é indubitável que devem continuar sendo operários assalariados; os pequeno-burgueses democratas apenas desejam que eles tenham salários mais altos e uma existência mais garantida e esperam alcançar isso facilitando, por um lado, trabalho aos operários, através do Estado, e, por outro, com medidas de beneficência. Numa palavra, confiam em corromper os operários com esmolas mais ou menos veladas e debilitar sua força revolucionária por meio da melhoria temporária de sua situação. Nem todas as frações da democracia pequeno-burguesa defendem todas as reivindicações que acabamos de citar. Tão somente uns poucos democratas pequeno-burgueses consideram seu objetivo o

conjunto dessas reivindicações. Quanto mais avançam alguns indivíduos ou frações da democracia pequeno-burguesa, tanto maior é o número dessas reivindicações que apresentam como suas, e os poucos que vêm no acima exposto o seu próprio programa supõem, certamente, que ele representa o máximo que se pode exigir da revolução. Mas essas reivindicações não podem satisfazer de nenhum modo ao partido do proletariado. Enquanto os pequeno-burgueses democratas querem concluir a revolução o mais rapidamente possível, depois de terem obtido, no máximo, os reclamos supra-mencionados, os nossos interesses e as nossas tarefas consistem em tornar a revolução permanente até que seja eliminada a dominação das classes mais ou menos possuidoras, até que o proletariado conquiste o poder do Estado, até que a associação dos proletários se desenvolva, não só num país, mas em todos os países predominantes do mundo, em proporções tais que cesse a competição entre os proletários desses países, e até que pelo menos as forças produtivas decisivas estejam concentradas nas mãos do proletariado. Para nós, não se trata de reformar a propriedade privada, mas de aboli-la; não se trata de atenuar os antagonismos de classe, mas de abolir as classes; não se trata de melhorar a sociedade existente, mas de estabelecer uma nova. Não resta a menor dúvida de que, com o desenvolvimento da revolução, a democracia pequeno-burguesa obterá, na Alemanha, por algum tempo, uma influência predominante. A questão é, pois, saber qual há de ser a atitude do proletariado e particularmente da Liga diante da democracia pequeno-burguesa:

1. Enquanto subsistir a situação atual, em que os democratas pequeno-burgueses também se acham oprimidos;
2. No curso da próxima luta revolucionária, que lhes dará uma situação de superioridade;
3. Ao terminar a luta, durante a situação de sua superioridade sobre as classes derrubadas e sobre o proletariado.

1. No momento presente, quando a pequena-burguesia democrática é oprimida por toda parte, exorta em geral o proletariado à união e à reconciliação, estende-lhe a mão e procura criar um grande partido de oposição, que abranja todas as tendências do partido democrata, isto é, procura arrastar o proletariado a uma organização partidária onde hão de predominar as frases social-democratas de tipo geral, atrás das quais se ocultarão os interesses particulares da democracia pequeno-burguesa, organização na qual, em nome da tão desejada paz, as reivindicações especiais do proletariado não possam ser apresentadas. Semelhante união seria feita em benefício exclusivo da pequena-burguesia democrata e

em prejuízo indubitável do proletariado. Este teria perdido a posição independente que conquistou à custa de tantos esforços e cairia uma vez mais na situação de simples apêndice da democracia burguesa oficial. Tal união deve ser, portanto, resolutamente rejeitada. Em vez de descer mais uma vez ao papel de coro laudatório dos democratas burgueses, os operários e, sobretudo, a Liga devem procurar estabelecer, junto aos democratas oficiais, uma organização independente do partido operário, ao mesmo tempo legal e secreta, e fazer de cada comunidade o centro e núcleo de sociedades operárias, nas quais a atitude e os interesses do proletariado possam ser discutidos independentemente das influências burguesas. Uma prova de quão pouco séria é a atitude dos democratas burgueses diante de uma aliança com o proletariado, na qual este tivesse a mesma força e os mesmos direitos que ela, são os democratas de Breslau, cujo órgão de imprensa, o *Neue Oder Zeitung*, ataca com fúria os operários organizados independentemente, aos quais tacha de socialistas. Para lutar contra um inimigo comum não se precisa de nenhuma união especial. Uma vez que é necessário lutar diretamente contra tal inimigo, os interesses de ambos os partidos coincidem no momento e essa união, como vem ocorrendo até agora, surgirá no futuro por si mesma e momentaneamente. É claro que nos iminentes conflitos sangrentos, assim como em todos os anteriores, serão sobretudo os operários que conquistarão a vitória por seu valor, resolução e espírito de sacrifício. Nessa luta, como nas anteriores, a massa pequeno-burguesa manterá uma atitude de expectativa, de irresolução e inatividade por tanto tempo quanto seja possível, com o propósito de, ao ficar assegurada a vitória, utilizá-la em benefício próprio, convidar os operários a que permaneçam tranquilos e retornem ao trabalho, evitar os chamados excessos e despojar o proletariado dos frutos da vitória. Não depende dos trabalhadores impedir que a pequena-burguesia democrata proceda desse modo, mas está ao seu alcance dificultar aos democratas burgueses a possibilidade de se imporem ao proletariado pela força das armas e ditar-lhes condições sob as quais o domínio burguês leve desde o princípio o germe de sua queda, facilitando, consideravelmente, sua ulterior substituição pelo poder do proletariado. Durante o conflito e imediatamente depois de terminada a luta, os operários devem procurar, em primeiro lugar e enquanto for possível, resistir às tentativas contemporizadoras da burguesia e obrigar os democratas a levarem à prática as suas atuais frases terroristas. Devem agir de tal maneira que a agitação revolucionária não seja reprimida de novo, imediatamente depois da vitória. Pelo contrário, deverão procurar mantê-la pelo maior tempo possível. Os operários não só não devem opor-se aos chamados excessos, aos atos de vingança popular contra indivíduos odiados ou contra edifícios públicos que o povo só lembre com ódio, não somente devem admitir tais atos, mas assumir a sua direção. Durante a luta, e depois dela, os operários devem aproveitar todas as oportunidades para apresentar suas próprias exigências, ao lado das exigências dos democratas burgueses. Devem exigir garantias para os operários tão logo os democratas burgueses se disponham a tomar o poder. Se for preciso, essas garantias devem ser arrancadas pela força. Em geral, é preciso levar os novos governantes a se obrigarem às maiores concessões e

promessas; é o meio mais seguro de comprometê-los. Os operários devem conter, em geral e na medida do possível, o entusiasmo provocado pela nova situação e pela embriaguez do triunfo, que se segue a toda *luta de rua* vitoriosa, opondo a tudo isso uma apreciação fria e serena dos acontecimentos e manifestando abertamente sua desconfiança para com o novo governo. Ao lado dos novos governos oficiais, os operários deverão constituir imediatamente governos operários revolucionários, seja na forma de comitês ou conselhos municipais, seja na forma de clubes operários ou de comitês operários, de tal modo que os governos democrático-burgueses não só percam imediatamente o apoio dos operários, mas também se vejam desde o primeiro momento fiscalizados e ameaçados por autoridades atrás das quais se encontre a massa inteira dos operários. Numa palavra, desde o primeiro instante da vitória, é preciso despertar a desconfiança não mais contra o partido reacionário derrotado, mas contra o antigo aliado, contra o partido que queira explorar a vitória comum no seu exclusivo benefício.

2. Mas, para opor-se enérgica e ameaçadoramente a esse partido, cuja traição aos operários começará desde os primeiros momentos da vitória, estes devem estar armados e organizados. Dever-se-á armar, imediatamente, todo o proletariado, com fuzis, carabinas, canhões e munições; é preciso opor-se ao ressurgimento da velha milícia burguesa, dirigida contra os operários. Onde não se possa adotar essas medidas, os operários devem procurar organizar-se independentemente, como guarda proletária, com chefes e um estado-maior eleitos por eles próprios, e pôr-se às ordens, não do governo, mas dos conselhos municipais revolucionários criados pelos próprios operários. Onde os operários trabalharem em empresas do Estado, deverão promover seu armamento e organização em corpos especiais com comandos eleitos por eles mesmos, ou como unidades que participem da guarda proletária. Sob nenhum pretexto entregarão suas armas e munições; toda tentativa de desarmamento será rejeitada, caso necessário, pela força das armas. Destruição da influência dos democratas burgueses sobre os operários; formação imediata de uma organização independente e armada da classe operária; criação de condições que, na medida do possível, sejam as mais duras e comprometedoras para a dominação temporária e inevitável da democracia burguesa: tais são os pontos principais que o proletariado e, portanto, a Liga deve ter em mente durante a próxima insurreição e depois dela.

3. Logo que os novos governos se tenham consolidado um pouco iniciarão suas lutas contra os operários. A fim de estarem em condições de oporem-se energicamente aos democratas pequeno-burgueses, é preciso, sobretudo, que os operários estejam organizados de modo independente e centralizados através dos seus clubes. Depois da derrocada dos governos existentes, e na primeira oportunidade, o Comitê Central se transferirá para a Alemanha, convocará imediatamente um Congresso, perante o qual

propará as medidas necessárias para a centralização dos clubes operários sob a direção de um organismo estabelecido no centro principal do movimento. A rápida organização de agrupamentos - pelo menos provinciais- dos clubes operários é uma das medidas mais importantes para revigorar e desenvolver o partido operário. A consequência imediata da derrubada dos governos existentes há de ser a eleição de uma *assembléia nacional* representativa. Nela o proletariado deverá fazer com que:

I. Nenhum núcleo operário seja privado do direito de voto, a pretexto algum, nem por qualquer estratagem das autoridades locais ou dos comissários do governo.

II. Ao lado dos candidatos burgueses democráticos figurem em toda parte candidatos operários, escolhidos na medida do possível entre os membros da Liga, e que para o seu triunfo se ponham em jogo todos os meios disponíveis. Mesmo que não exista esperança alguma de triunfo, os operários devem apresentar candidatos próprios para conservar a independência, fazer uma avaliação de forças e demonstrar abertamente a todo mundo sua posição revolucionária e os pontos de vista do partido. Ao mesmo tempo, os operários não devem deixar-se enganar pelas alegações dos democratas de que, por exemplo, tal atitude divide o partido democrático e facilita o triunfo da reação. Todas essas alegações tem o objetivo de iludir o proletariado. Os êxitos que o partido operário alcançar com semelhante atitude independente pesam muito mais do que os danos que possa ocasionar a presença de uns quantos reacionários na assembléia representativa. Se a democracia agir resolutamente, desde o princípio, e com medidas terroristas contra a reação, a influência desta nas eleições ficará de antemão eliminada.

O primeiro ponto a provocar o conflito entre os democratas burgueses e os operários será a abolição do feudalismo. Do mesmo modo que na primeira revolução francesa, os pequeno-burgueses entregarão as terras feudais aos camponeses, na qualidade de propriedade livre, isto é, procurarão conservar o proletariado agrícola e criar uma classe camponesa pequeno-burguesa, que passará pelo mesmo ciclo de empobrecimento e endividamento progressivo em que se encontra, atualmente, o camponês francês.

No interesse do proletariado rural e no seu próprio interesse, os operários têm de opor-se a esse plano. Têm de exigir que a propriedade feudal confiscada fique como propriedade do Estado e seja transformada em colônias operárias, que o proletariado rural associado explore com todas as vantagens da grande exploração agrícola; desse modo, o princípio da propriedade comum obtém logo uma base sólida, no meio das vacilantes relações de propriedade burguesas. *Tal como os democratas com os camponeses, os operários têm de*

unir-se com o proletariado rural. Além disso, os democratas trabalharão diretamente para uma República federativa ou, pelo menos, se não puderem evitar uma República una e indivisível, procurarão paralisar o governo central mediante o máximo possível de autonomia e independência para as comunas e províncias. Frente a esse plano, os operários têm não só de tentar realizar a República alemã una e indivisível, mas também a mais decidida centralização, nela, do poder nas mãos do Estado. Eles não se devem deixar induzir em erro pelo palavreado sobre a liberdade das comunas, o auto-governo etc. Num país como a Alemanha, onde estão ainda por remover tantos resquícios da Idade Média, onde está por quebrar tanto particularismo local e provincial, não se pode tolerar em circunstância alguma que cada aldeia, cada cidade, cada província ponha um novo obstáculo à atividade revolucionária, que só pode emanar do centro em toda a sua força. Não se pode tolerar que se renove o estado de coisas atual, em que os alemães, por um mesmo passo em frente, são obrigados a bater-se separadamente em cada cidade, em cada província. Menos ainda pode tolerar-se que, através de uma organização comunal pretensamente livre, se perpetue uma forma de propriedade -a comunal-, que ainda se situa aquém da propriedade privada moderna e por toda a parte se dissolve necessariamente nesta e as desavenças dela decorrentes entre comunas pobres e ricas, assim como o direito de cidadania comunal, subsistente, com as suas mazelas contra os operários, ao lado do direito de cidadania estatal. Tal como na França em 1793, o estabelecimento da centralização mais rigorosa é hoje, na Alemanha, a tarefa do partido realmente revolucionário¹¹.

Vimos como os democratas chegarão à dominação com o próximo movimento e como serão forçados a propor medidas mais ou menos socialistas. Que medidas os operários devem propor? Estes não podem, naturalmente, propor quaisquer medidas diretamente comunistas no começo do movimento. Mas podem:

11 Há que lembrar hoje que esta passagem assenta num mal-entendido. Considerava-se então como certo — graças aos falsificadores bonapartistas e liberais da história — que a máquina administrativa centralizada francesa fora introduzida pela grande Revolução e manejada, designadamente pela ConvençãoN85, como arma indispensável e decisiva para a vitória sobre a reacção monárquica e federalista e sobre o inimigo externo. Mas é actualmente um facto conhecido que durante toda a Revolução, até ao 18 de BrumárioN86, o conjunto da administração dos departamentos, distritos e comunas consistia em serviços públicos eleitos pelos próprios administrados e agia com inteira liberdade, nos limites das leis gerais do Estado; que este autogoverno provincial e local, semelhante ao americano, se tornou precisamente a mais poderosa alavanca da Revolução, e isso até ao ponto em que Napoleão, imediatamente após o seu golpe de Estado do 18 de Brumário, se apressou em substituí-la pela administração dos prefeitos ainda hoje existente, a qual, portanto, foi desde o começo um puro instrumento da reacção. Mas assim como o autogoverno local e provincial não contradiz a centralização política nacional, tão-pouco está ele necessariamente ligado a esse estreito egoísmo cantonal ou comunal que tanto nos choca na Suíça e que em 1849 todos os republicanos federalistas da Alemanha do sul queriam como regra na Alemanha. (*Nota de Engels à edição de 1885.*)

1. Obrigar os democratas a intervir em tantos lados quanto possível da organização social até hoje existente, a perturbar o curso regular desta, *a comprometerem-se a concentrar nas mãos do Estado o mais possível de forças produtivas*, de meios de transporte, de fábricas, de ferrovias, etc.

2. Têm de levar ao extremo as propostas dos democratas, que não se comportarão em todo o caso como revolucionários mas como simples reformistas, e transformá-las em ataques diretos contra a propriedade privada; por exemplo, se os pequeno-burgueses propuserem comprar os estradas de ferro e as fábricas, os operários têm de exigir que essas estradas de ferro e fábricas, como propriedade dos reacionários, sejam *confiscadas simplesmente e sem indenização pelo Estado*. Se os democratas propuserem o imposto proporcional, *os operários exigirão o progressivo*; se os próprios democratas avançarem a proposta de um imposto progressivo moderado, os operários insistirão num imposto cujas taxas subam tão depressa que o grande capital seja com isso arruinado; se os democratas exigirem a regularização da dívida pública, os operários exigirão a bancarrota do Estado. As reivindicações dos operários terão, pois, de se orientar por toda a parte segundo as concessões e medidas dos democratas.

Se os operários alemães não podem chegar à dominação e realização dos seus interesses de classe sem passar por todo um desenvolvimento revolucionário prolongado, pelo menos desta vez eles têm a certeza de que o primeiro ato deste drama revolucionário iminente coincide com a vitória direta de sua própria classe na França e é consideravelmente acelerado por aquela.

Mas têm de ser eles próprios a fazer o máximo pela sua vitória final, esclarecendo-se sobre os seus interesses de classe, tomando o quanto antes a sua posição de partido autônomo, não se deixando um só instante induzir em erro pelas frases hipócritas dos pequeno-burgueses democratas quanto à organização independente do partido do proletariado. Seu grito de batalha tem de ser: a revolução permanente 



UNIÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA

OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER!

Elementos Para o Funcionamento da Vida Orgânica da UJC

Em seus estatutos, na seção destinada a exposição de seus princípios organizativos e estruturais, a UJC se estabelece como uma organização cujas raízes organizativas estão assentadas no princípio do centralismo democrático, que, com base no mesmo documento, busca garantir a democracia interna e a disciplina consciente e crítica; o cumprimento das resoluções; a liberdade de discussão em seus organismos e instâncias; a responsabilidade e autonomia da atuação dos núcleos; e a direção coletiva.

Assim, ao mesmo tempo em que esse princípio base, um dos aspectos que mais diferencia a UJC em particular e as organizações comunistas de maneira geral das demais entidades políticas, garante a ampla participação do conjunto da militância na vida política da UJC, ela zela pela unidade de ação e pela existência de apenas um órgão central de direção e uma linha política nacional a ser levada a cabo por todos os núcleos, ainda que nesse processo existam as mediações locais, como também é verificado nos estatutos e na resolução política do VII Congresso da UJC.

Nesse sentido, a UJC possui como instância máxima de decisão política o seu Congresso Nacional, espaço em que são debatidas as principais questões organizativas e políticas da UJC à luz das necessidades de cada momento histórico. Política e organização são dois aspectos da vida de nossa organização que não se discutem de modo separado, uma vez que cada forma organizativa está subordinada a política a ser operada.

A análise retrospectiva dos Congressos da UJC desde sua reorganização permite ver o seu amadurecimento político e crescimento de sua inserção na juventude brasileira, o que se verifica tanto no temário de suas discussões, no qual, uma vez consolidado aspectos mais gerais da estratégia política para a revolução brasileira nos primeiros Congressos, passa a concentrar-se em aspectos das mediações táticas para sua inserção nas lutas concretas da juventude em geral e da juventude trabalhadora em particular.

O mesmo amadurecimento também é visto nos slogans do Congresso. Enquanto o VI Congresso era convocado sob o lema “Sonhos não envelhecem”, o VII indicava “Organizando rebeldia, massificando lutas”. O que também é sugestivo para mostrar a

passagem da necessidade ainda de reafirmar a necessidade de construção de uma organização juvenil comunista para um momento de apontamento para lutas concretas e massificação.

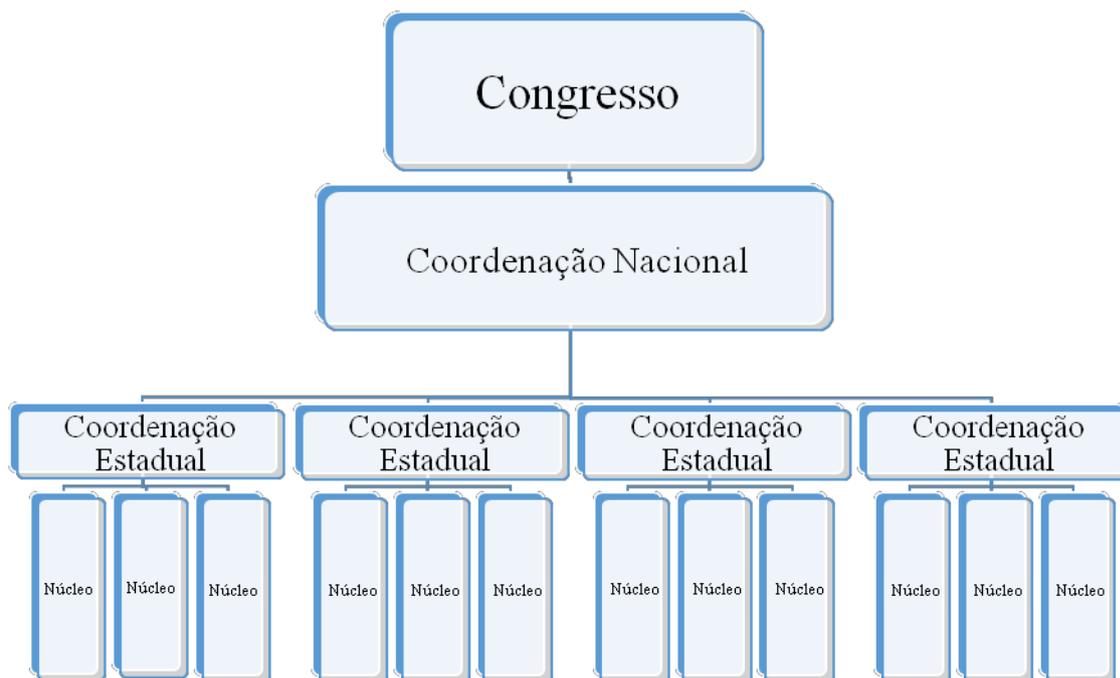
O processo congressual se inicia com a convocação oficial da Coordenação Nacional, que, após indicar a militância os preparativos para o Congresso, libera dentro de algum tempo as teses para serem discutidas.

Tais teses devem ser discutidas por toda a militância. Busca-se promover profundos Congressos de núcleo, no qual todos os militantes possuem igual direito e voz e voto, caso necessário. A ampla discussão no núcleo é vista como vital, uma vez que é nesse espaço que a maioria dos militantes terão maior tempo de fala e apreciação das teses, garantindo, assim, que as discussões chegarão em um patamar superior às etapas subsequentes. Finda as etapas de núcleo, a Coordenação Estadual de cada estado, com o acompanhamento da Coordenação Nacional, deverá convocar a etapa estadual do Congresso.

Após esse momento, as contribuições serão subidas à Coordenação Nacional, que apresentará sua sistematização no Congresso Nacional, junto com as discussões surgidas das tribunas de debate e dos grupos de discussão do Congresso Nacional.

Nos últimos anos há uma tendência em muitos camaradas de valorizar em demasia a plenária final do Congresso Nacional e menosprezar os Congressos dos núcleos. Muitas vezes utilizando o argumento verdadeiro de que a democracia existente em nosso congresso permite qualquer militante, por mais novo que seja, defender uma proposta de grande importância política para os rumos da organização, descuidam dos preparativos para que essa democracia possa existir de fato, que é garantindo a ampla participação da militância nas discussões, que tem nos debates de núcleo um de seus momentos centrais.

Ademais da discussão política, o Congresso tem, em todas suas etapas, o objetivo de indicar a nova direção. Os espaços diretivos da UJC elencados em seus estatutos obedecem a seguinte ordem hierárquica: Coordenação Nacional; Coordenação Estadual; Núcleos, tal como se pode ver no quadro abaixo:



Assim, os Congressos de núcleo indicam um secretariado para coordenar os trabalhos e dirigir politicamente o núcleo, assim como o Congresso Estadual elege uma Coordenação Estadual e esta, em seu primeiro pleno, elege um secretariado para dirigir os trabalhos entre os plenos estaduais; e a Coordenação Nacional, por sua vez, é eleita pelo Congresso Nacional e, em seu primeiro pleno, elege a Comissão Executiva Nacional.

Passado o período Congresso, a vida interna da UJC se rege sob esses mesmos princípios, tendo a Coordenação Nacional e os núcleos como os dois principais polos políticos. Adireção política nacional da UJC, através da CN, realiza-se através de comunicados e informes políticos, que são repassados às CE's e estas, por sua vez, aos núcleos.

No último período a democracia interna da UJC encontrou limitações nesse processo. Muitos dos comunicados, resoluções, documentos e orientações produzidos pela Coordenação Nacional não foram discutidos pela maioria dos núcleos, ou se foram discutidos não subiu a contribuição à CN. Essas limitações refletem uma metodologia de trabalho ainda amadora da UJC em suas mais diversas instâncias.

Referindo-se à Coordenação Nacional poderíamos falar da necessidade de consolidar um informativo nacional de repassasse nacionalmente informes de todos os estados, o que sem dúvida alguma servia na socialização das experiências exitosas de diversos estados.

Nos núcleos ainda rege uma forma artesanal de trabalho, na qual as reuniões ainda são inconstantes e sem periodicidade definida, o que sobrecarrega a pauta política de cada encontro. Essa sobrecarga junto com a falta de preparo políticos das reuniões em si

conduz muitas vezes que discussões secundárias assumam o protagonismo das reuniões, assim como questões de cunho organizativos fiquem sempre sendo postergadas, ou que então sejam vistas como “questões burocráticas”. Ainda que o principal objetivo das reuniões de núcleo seja operar no cotidiano a linha da organização, convém elas sempre serem acompanhadas de um repasse financeiro do núcleo e da discussão de algum documento político, quando não os comunicados enviados pela CN, um texto do jornal do PCB.

Sem constantes discussões sobre temas relativos à vida interna da organização, jamais conseguiremos ter o pleno desenvolvimento de nossas atividades políticas. Um núcleo que não discute com frequência recrutamento, finanças, que secundariza questões relativas ao cumprimento das tarefas dos quadros da organização, que não trata com seriedade as discussões dos informes políticos e da conjuntura, dificilmente terá êxito em sua prática política cotidiana.

O planejamento das reuniões em si permitirá a planificação do trabalho do núcleo a médio e longo prazo. Considerando que todo núcleo de atuação, além de consolidar o trabalho político onde já atua tem por objetivo ampliar a inserção da UJC em setores estratégicos da juventude, e que essa inserção exige estudo e preparo, ela deve ser feita com base em um planejamento científico.

Por exemplo: com base nas resoluções Congressuais do VII Congresso, o II Pleno da Coordenação Nacional estabeleceu uma linha de aprofundar o trabalho político da UJC na juventude trabalhadora, fornecendo os eixos gerais de como se daria esse processo. A partir do momento que a orientação política foi enviada aos estados e aos núcleos, espera-se que seja discutida, subida as contribuições e implementada nacionalmente. Nesse caso em questão, esperar-se-ia que um núcleo universitário, por exemplo, discutisse como, a partir do seu trabalho no movimento estudantil e sem descuidar de suas próprias demandas, poderia contribuir para a execução dessa política. Após a discussão, poderia estabelecer e fortalecer as discussões sobre o tema do estágio, por exemplo, ou então, em alguns locais de trabalho mais consolidados e com número suficiente de quadros, até mesmo deslocar algum camarada estudante para fazer trabalho em universidades privadas, centros de formação técnicas de operários ou mesmo em portas de fábrica. De igual forma se espera que essas decisões sejam repassadas às instâncias superiores, assim como os resultados dessa experiência, a fim de serem socializadas com o restante da militância.

Assim, em tese, deveria funcionar a UJC.

Mais do que a discussão dos grandes momentos, o árduo e silencioso trabalho de preparação político representa o aspecto fundamental da vida partidária. Por mais justa e acertada que possa ser a linha, por mais transparente e democrática que possa ser uma direção, a democracia interna, como concebemos, só pode existir caso haja as condições concretas de sua efetivação, o que, nesse caso em questão, passa pelo funcionamento das instâncias nucleares da organização. Inexistindo vida política no núcleo ou existindo apenas sob formas artesanais de trabalho, o centralismo democrático não vigora.

Obviamente esse processo não está isento de divergências. Camaradas podem divergir da maneira de operar a política, e até mesmo da política em si, ainda que esta última, no caso de resolução congressual só possa ser alterada no Congresso seguinte. Para tanto, está garantido o direito das minorias em se expressarem e reabrirem a discussão sempre quando for possível. Contudo, todos os militantes, incluindo as minorias, têm a igual obrigação de cumprir as deliberações encaminhadas na reunião.

Ainda em casos de divergência, manter às instâncias superiores devidamente informadas sobre tudo que se passa é fundamental, pois só assim, conhecendo também as discordâncias da militância, é que poderá dirigir os trabalhos tendo dimensão da totalidade da organização.

O acompanhamento e a socialização dos informes são feitos tanto através dos documentos enviados, seja pelos núcleos ou pelas instâncias de direção, seja pela figura do assistente. Assim como nos últimos anos houve um desleixo com os comunicados, houve uma tendência a diminuir a importância do acompanhamento dos assistentes, vendo sua necessidade apenas em momento de maiores conflitos políticos, sendo que nesse momento era praticamente certo ouvir do assistente que, caso houvesse assistência anterior, o conflito não teria ocorrido.

A assistência tem tanto o papel de orientar os núcleos sobre as discussões e deliberações realizadas nos espaços de direção, quando fornecer à direção a realidade e o debate político dos núcleos de atuação. Um instrumento essencial na democracia da organização. Ao mesmo tempo que o acompanhamento do assistente pressupõe o preparo do camarada a desempenhar a tarefa e o comprometimento de sempre fazer-se presente nas atividades do órgão assistido, ao último cabe a tarefa de manter o assistente sempre informado das atividades e cobrar sua presença.

O zelo pelo funcionamento da organização é tarefa de todos, porém, há camaradas que, pelas responsabilidades que possuem, devem se encarregar com mais dedicação a isso, como os membros do secretariado da célula e, em particular, o secretário de organização.

Essa divisão de tarefas, ao mesmo tempo em que possibilita o maior andamento das tarefas internas da organização, visto que destaca camaradas para ficarem responsáveis por tal trabalho, permite que outros camaradas sejam liberados para desempenharem outras tarefas de igual valor político para a organização.

A deficiência nos métodos de trabalho incentiva o acúmulo de tarefas nas mãos de poucos militantes. A experiência demonstra que tal erro tem sido corrente na organização e que, como o passar o tempo, pode gerar complicações graves. Ao se acumular tarefas é comum incorrer em dois perigos: estimular que militantes se acomodem a apenas comparecerem em reuniões e nada mais, limitando tanto a atuação política da organização quanto o pleno desenvolvimento do próprio militante; e sobrecarregar poucos camaradas com quantidades enormes de tarefas. Nesse último aspecto, caso não solucionado a tempo pode levar o afastamento do quadro ou então que o constante acúmulo de tarefas nas mãos de uma só pessoa gere práticas unipessoais de direção, por mais bem-intencionado que possa estar o camarada envolvido.

A divisão revolucionária do trabalho, tal qual apontada nas resoluções do VII Congresso, é, pois, tarefa fundamental para toda a organização, desde a CN até os núcleos. Formar os camaradas que ingressam, verificar suas maiores potencialidades, corrigir seus maiores defeitos, e, posteriormente, orientá-los a um trabalho específico dentro do conjunto partidário de acordo com suas características e necessidades da organização, é passo primordial na planificação do trabalho, que, além de levar em conta os aspectos políticos e organizacionais gerais, considera à questão de seus quadros.

Ainda que hoje o maior problema organizacional consista na ausência de métodos e planificação do trabalho político, ao buscarmos superarmos há de se cuidar para que a curvatura da vara não tenda ao oposto, que é justamente privilegiar tais aspectos a tão ponto que se esqueça o desenvolvimento do trabalho de base do núcleo junto ao movimento de massas.

O reconhecimento e autoridade política da UJC perante à juventude brasileira não se dará apenas com formulações acertadas acerca da realidade nacional, mas, sobretudo, através da atuação cotidiana de seus militantes e quadros na luta real. O prestígio alcançado por nossos militantes na luta diária é transferido para a organização, não o contrário. ❧



O Trabalho de Base

Nesta parte do nosso Curso de Iniciação à UJC, iremos tratar acerca do **TRABALHO DE BASE**. Não se trata de qualquer trabalho de base, mas sim de uma prática bastante importante para a ação revolucionária dos jovens comunistas da UJC.

Para falarmos sobre o trabalho de base para uma juventude comunista, precisaremos em primeiro lugar, nos fazer a seguinte pergunta: **PARA QUE SERVE A UJC?**

A UJC é uma organização política da juventude que foi criada na década de 1920 para organizar e formar a juventude brasileira em lutas concretas dos trabalhadores. Mais do que isso, a UJC é um instrumento de preparação e formação de quadros revolucionários para o PCB. Um quadro revolucionário é aquele trabalhador que consegue: 1) estudar e entender a realidade concreta; 2) pensar e planejar formas de intervir nesta realidade e 3) organizar o Partido e os trabalhadores para efetivar esta intervenção, transformando assim essa realidade concreta. Desse modo, a UJC tem um papel central na formação de quadros para o PCB e para as diversas lutas dos trabalhadores brasileiros. Contudo, sempre nos vem a seguinte pergunta: **COMO A UJC CONSEGUE FORMAR QUADROS REVOLUCIONÁRIOS PARA O PCB?**

A formação de quadros passa ao mesmo tempo por dois momentos: o 1º é a formação teórica dos militantes da UJC. Cursos como este têm o papel fundamental de fornecer a todo militante da UJC a capacidade de estudar a realidade concreta. A 2ª e não menos importante, é a ação concreta! É no dia-a-dia, em cada atividade da UJC, na nossa atuação no Grêmio Estudantil, DCE, Centro Acadêmico, Sindicato, Associação de Bairro, frentes de luta, etc, que realizamos aquilo chamado de *práxis*. A *práxis* dos jovens comunistas é nada mais do que a sua ação enquanto militante, de forma organizada, na modificação da

realidade concreta. Ao mesmo tempo que esta realidade se modifica, novos desafios e enfrentamentos virão, o que irá exigir mais estudo, planejamento e uma nova intervenção.

Observem: se a UJC é uma organização que, além de organizar e lutar pelos direitos dos jovens brasileiros é uma escola de formação de quadros para o PCB; se ela forma quadros para o PCB por meio da luta concreta e se a luta concreta pressupõe uma atuação dos militantes da UJC com o conjunto dos trabalhadores e a juventude, **COMO ENTÃO A UJC IRÁ ORGANIZAR ESTES TRABALHADORES E A JUVENTUDE PARA LUTAS QUE ALTEREM A REALIDADE?**

A resposta para a questão acima é simples: **trabalho de base!** É por meio do trabalho de base que conseguiremos organizar os trabalhadores e a juventude para processos de lutas que alteram a realidade concreta. Mas **o que é o trabalho de base?** **O trabalho de base dos comunistas é a ação política que têm por objetivo disputar a consciência dos trabalhadores e da juventude, elevando esta consciência de um *senso comum* para uma consciência revolucionária abrindo caminho para que esta consciência revolucionária se transforme em ação concreta.** Para facilitar o entendimento, vamos para um exemplo:

Imagine a atuação de um militante da UJC que estuda numa escola de ensino médio (secundarista). Imagine também que recentemente, o governo cortou a verba para a merenda escolar, gerando toda uma discussão entre os alunos acerca do corte da merenda. Diante disto, o que o militante da UJC deve fazer?

1º - Estudar: sem entender a realidade, não será possível intervir nela. No nosso exemplo, cabe a este militante buscar as razões políticas para este corte da merenda. O militante precisa estar munido de todas as informações possível para tirar uma leitura própria sobre o caso.

2º - Organizar: Com uma leitura clara da realidade, ou seja, depois que o militante entendeu o porquê do corte da merenda, resta agora disputar a consciência dos estudantes da escola. Numa situação como esta, é comum os estudantes acharem que o corte da merenda é devido a corrupção, ou desvio de verbas das escolas. Contudo, são poucos os alunos que tocam na questão de fundo, na razão fundamental que leva a este tipo de ação política por parte do governo. A tarefa do militante, é através do diálogo e do debate, retirar da cabeça dos estudantes de que o problema é a “corrupção”, mas sim, de que os problemas são das políticas educacionais que sucateiam a educação pública forçando os

estudantes a procurarem o ensino privado. Percebam que o esforço do militante é de sairmos **do senso comum** para uma consciência um pouco mais avançada.

Depois que o militante realizou este debate entre os estudantes, e todos compreenderam os motivos reais do corte da merenda, temos as condições concretas para organizar coletivamente os estudantes para a ação concreta. Esta organização pode ocorrer por meio dos aparelhos de organização dos estudantes (no caso o Grêmio Estudantil) ou por meio de uma Frente ou Movimento.

3º - Lutar: A luta é um dos principais momentos do nosso trabalho de base. Ao colocarmos os estudantes em processo de enfrentamento direto com o governo, reivindicando a merenda e sendo contra o sucateamento da educação, teremos a exposição das contradições da nossa sociedade: de um lado os estudantes, filhos dos trabalhadores, reivindicando seus direitos básicos, de outro, um burocrata do estado, representando os interesses da burguesia! Obviamente, por conta da correlação de forças, o burocrata sairá ganhando neste conflito, pois ele detém e constrói a hegemonia política, econômica e cultural da sociedade. Por outro lado, para os estudantes, irá se abrir um processo de reflexão sobre o próprio processo da luta. Nesta reflexão (fruto da ação concreta de luta), os estudantes irão procurar os erros e acertos da ação. É papel do militante da UJC, neste momento, elevar ainda mais a consciência dos estudantes: o corte da merenda, na verdade, é a expressão da natureza do estado, ou seja, um estado burguês, produto de uma sociedade dividida em duas classes antagônicas (burguesia e os trabalhadores), no qual uma (a burguesia) tem a hegemonia política, econômica e cultural da sociedade. São nestes processos de lutas que, muitas vezes, estes estudantes veem a limitação das entidades estudantis (no caso o Grêmio) e procuram outras formas de se organizar, por entender que lutar pela merenda apenas, não irá resolver o problema de fundo: a sociedade capitalista. E nisto, que a UJC recruta novos militantes!

Por este exemplo, percebam que o **trabalho de base** se realiza na disputa de consciência e na ação concreta, dentro daquilo que chamamos de *práxis*. Mais do que recrutar para a UJC, o trabalho de base é uma ação fundamental para elevar a consciência das massas juvenis, retirando-as de uma consciência de um senso comum, indo para uma consciência reivindicatória, até chegar numa consciência revolucionária. Se bem feito o trabalho de base, naturalmente será o recrutamento e o crescimento da UJC.

Logicamente, pelo exemplo assim, vimos uma ação de trabalho da base da UJC numa escola, o que nos leva a outra pergunta: **ONDE REALIZAR O TRABALHO DE BASE?**

O trabalho de base deve ser realizado, antes de tudo, pelo local de atuação do militante. Se é estudante universitário, será na universidade, se secundarista, na escola, se operário, na fábrica, etc. Ao mesmo tempo, há a necessidade de realizar trabalho de base em outros lugares, dependendo da avaliação da conjuntura, fazendo com que a UJC como um todo aponte os locais prioritários para realizar o trabalho de base. Mas em resumo, o trabalho de base deve ser feito onde há jovens, sobretudo jovens que são da classe trabalhadora. 📌